



José Eduardo Agualusa

O VENDEDOR DE PASSADOS



GRYPHUS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O VENDEDOR DE PASSADOS

um

romance

de

José Eduardo Agualusa



GRYPHUS

© Copyright 2004, José Eduardo Agualusa e Publicações Dom Quixote
"by arrangement with Dr. Ray-Güde Mertin, Literarische Agentur,
Bad Homburg, Germany"

Coordenação Editorial

Gisela Zincone

Editoração Eletrônica

Editoriarte

Revisão

Maria Helena da Silva

Capa

Ouriço Arquitetura e Design

Produção do eBook

Freitas Bastos

Adequado ao novo acordo ortográfico da língua portuguesa

CIP-brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

.....
A224v

2.ed.

Agualusa, José Eduardo, 1960-

O vendedor de passados / um romance de José Eduardo Agualusa. – 2.ed. – Rio de Janeiro
: Gryphus, 2011.

ISBN 978-85-60610-70-9

1. Romance angolano. I. Título.

11-5113. CDD: 869.8996733

CDU: 821.134.3(673)-3

10.08.11 17.08.11 028797
.....

GRYPHUS EDITORA.

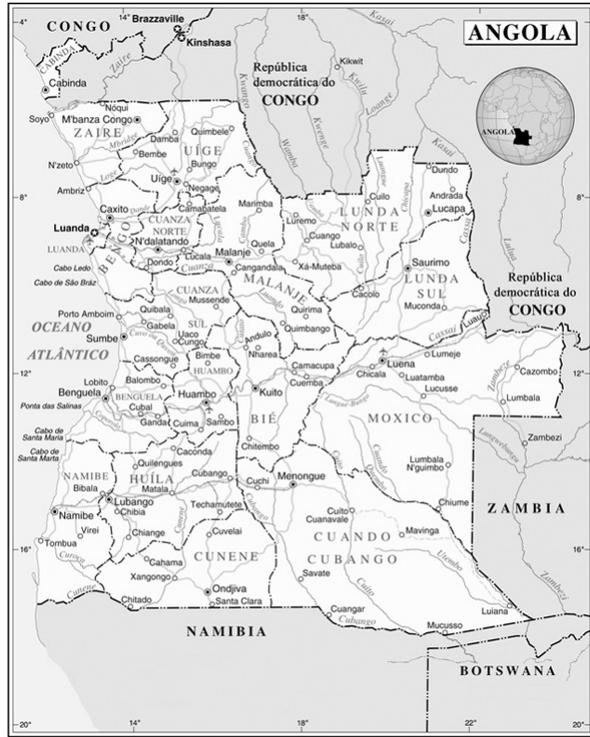
Rua Major Rubens Vaz, 456 – Gávea – 22470-070

Rio de Janeiro – RJ – Tel.: (0XX21) 2533-2508

www.gryphus.com.br – e-mail: gryphus@gryphus.com.br

"Se tivesse de nascer outra vez escolheria algo totalmente diferente. Gostaria de ser norueguês. Talvez persa. Uruguaio não, porque seria como mudar de bairro."

– Jorge Luís Borges



(sumário interno)

Um pequeno deus nocturno
A casa
O estrangeiro
Um barco cheio de vozes
Sonho n.º 1
Alba
O nascimento de José Buchmann
Sonho n.º 2
Um esplendorio
A filosofia de uma osga
Ilusões
Na minha primeira morte eu não morri
Sonho n.º 3
Espanta-espíritos
Sonho n.º 4
Eu, Eulálio
A chuva sobre a infância
Entre a vida e os livros
O mundo pequeno
O lacrau
O Ministro
Um fruto dos anos difíceis
Sonho n.º 5
Personagens reais
Anticlímax
As vidas irrelevantes
Edmundo Barata dos Reis
O amor, um crime
O grito da buganvília
O mascarado
Sonho n.º 6
Félix Ventura começa a escrever um diário

(um pequeno deus noturno)

Nasci nesta casa e criei-me nela. Nunca saí. Ao entardecer encosto o corpo contra o cristal das janelas e contemplo o céu. Gosto de ver as labaredas altas, as nuvens a galope, e sobre elas os anjos, legiões deles, sacudindo as fagulhas dos cabelos, agitando as largas asas em chamas. É um espectáculo sempre idêntico. Todas as tardes, porém, venho até aqui e divirto-me e comovo-me como se o visse pela primeira vez. A semana passada Félix Ventura chegou mais cedo e surpreendeu-me a rir enquanto lá fora, no azul revoltado, uma nuvem enorme corria em círculos, como um cão, tentando apagar o fogo que lhe abrasava a cauda.

– Ai, não posso crer ! Tu ris?!

Irritou-me o assombro da criatura. Senti medo mas não movi um músculo. O albino tirou os óculos escuros, guardou-os no bolso interior do casaco, despiu o casaco, lentamente, melancolicamente, e pendurou-o com cuidado nas costas de uma cadeira. Escolheu um disco de vinil e colocou-o no prato do velho gira-discos. “Acalanto para um Rio”, de Dora, a Cigarra, cantora brasileira que, suponho, conheceu alguma notoriedade nos anos setenta. Suponho isto a julgar pela capa do disco. É o desenho de uma mulher em biquíni, negra, bonita, com umas largas asas de borboleta presas às costas. “Dora, a Cigarra – Acalanto para um Rio – O Grande Sucesso do Momento”. A voz dela arde no ar. Nas últimas semanas tem sido esta a banda sonora do crepúsculo. Sei a letra de cor.

*Nada passa, nada expira
O passado é
um rio que dorme
e a memória uma mentira
multiforme.*

*Dormem do rio as águas
e em meu regaço dormem os dias*

*dormem
dormem as mágoas
as agonias,
dormem.*

*Nada passa, nada expira
O passado é
um rio adormecido
parece morto, mal respira
acorda-o e saltará
num alarido.*

Félix esperou que, com a luz, se apagassem também as últimas notas do piano. A seguir girou um dos sofás, quase sem fazer ruído, de forma a ficar voltado para a janela. Por fim sentou-se. Esticou as pernas num suspiro:

– Pópilas! Pois vossa baixeza ri-se?! Extraordinária novidade...

Pareceu-me abatido. Aproximou o rosto e vi-lhe as pupilas raiadas de sangue. O bafo dele envolveu-me o corpo. Um calor azedo.

– Péssima pele, a sua. Devemos ser da mesma família.

Estava à espera daquilo. Se conseguisse falar teria sido rude. O meu aparelho vocal, porém, apenas me permite rir. Assim, tentei atirar-lhe à cara uma gargalhada feroz, algum som capaz de o assustar, de o afastar dali, mas consegui apenas um frouxo gargarejo. Até à semana passada o albino sempre me ignorou. Desde essa altura, depois de me ter ouvido rir, chega mais cedo. Vai à cozinha, retorna com um copo de sumo de papaia, senta-se no sofá, e partilha comigo a festa do poente. Conversamos. Ou melhor, ele fala, e eu escuto. Às vezes rio-me e isso basta-lhe. Já nos liga, suspeito, um fio de amizade. Nas noites de sábado, não em todas, o albino chega com uma rapariga pela mão. São moças esguias, altas e elásticas, de finas pernas de garça. Algumas entram a medo, sentam-se na extremidade das cadeiras, evitando encará-lo, incapazes de disfarçar a repulsa. Bebem um refrigerante, golo a golo, e a seguir despem-se em silêncio, esperam-no estendidas de costas, os braços cruzados sobre os seios. Outras, mais afoitas, aventuram-se sozinhas pela casa, avaliando o brilho das pratas, a

nobreza dos móveis, mas depressa regressam à sala, assustadas com as pilhas de livros nos quartos e nos corredores, e sobretudo com o olhar severo dos cavalheiros de chapéu alto e monóculo, o olhar trocista das bessanganas de Luanda e de Benguela, o olhar pasmado dos oficiais da marinha portuguesa nos seus uniformes de gala, o olhar alucinado de um príncipe congolês do século XIX, o olhar desafiador de um famoso escritor negro norte-americano, todos posando para a eternidade entre molduras douradas. Procuram nas estantes algum disco,

– Não tens cuduro, tio?,

e como o albino não tem cuduro, não tem quizomba, não tem nem a Banda Maravilha nem o Paulo Flores, os grandes sucessos do momento, acabam por escolher os de capa mais garrida, invariavelmente ritmos cubanos. Dançam, bordando curtos passos no soalho de madeira, enquanto soltam um a um os botões da camisa. A pele perfeita, muito negra, úmida e luminosa, contrasta com a do albino, seca e áspera, cor-de-rosa. Eu vejo tudo. Dentro desta casa sou como um pequeno deus nocturno. Durante o dia, durmo.

(a casa)

A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar. As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo quando, em pleno meio-dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. Deslizo ao longo delas como um ácaro na pele do hospedeiro. Sinto, se as abraço, um coração a pulsar. Será o meu. Será o da casa. Pouco importa. Faz-me bem. Transmite-me segurança. A Velha Esperança traz às vezes um dos netos mais pequenos. Transporta-os às costas, bem presos com um pano, segundo o uso secular da terra. Faz assim todo o seu trabalho. Varre o chão, limpa o pó aos livros, cozinha, lava a roupa, passa-a a ferro. O bebê, a cabeça colada às suas costas, sente-lhe o coração e o calor, julga-se de novo no útero da mãe, e dorme. Tenho com a casa uma relação semelhante. Ao entardecer, já o disse, fico na sala de visitas, colado às vidraças, vendo morrer o sol. Depois que a noite cai vagueio pelas diferentes divisões. A sala de visitas comunica com o jardim, estreito e mal tratado, cujo único encanto são duas gloriosas palmeiras imperiais, muito altas, muito altivas, que se erguem uma em cada extremo, vigiando a casa. A sala está ligada à biblioteca. Passa-se desta para o corredor através de uma porta larga. O corredor é um túnel fundo, úmido e escuro, que permite o acesso ao quarto de dormir, à sala de jantar e à cozinha. Esta parte da casa está voltada para o quintal. A luz da manhã afaga as paredes, verde, branda, filtrada pela ramagem alta do abacateiro. Ao fundo do corredor, do lado esquerdo de quem entra, vindo da sala, ergue-se com esforço uma pequena escada em três lances quebrados. Subindo-a, chega-se a uma espécie de mansarda, que o albino pouco frequenta. Está cheia de caixotes com livros. Eu também não vou lá muitas vezes. Morcegos dormem nas paredes, de cabeça para baixo, embrulhados nas suas capas negras. Ignoro se as osgas* fazem parte da dieta dos morcegos. Prefiro continuar sem saber. O mesmo motivo – o terror! – impede-me de explorar o

quintal. Vejo, das janelas da cozinha, da sala de jantar ou do quarto de Félix, o capim crescer bravio por entre os roseirais. Um imenso abacateiro levanta-se, frondoso, precisamente ao centro do quintal. Há ainda duas nêspereiras, altas, carregadas de nêsperas, e uma boa dezena de papaieiras. Félix acredita no poder regenerador das papaias. Um muro alto fecha o jardim. O topo do muro está coberto por cacos de vidro, em cores variadas, presos com cimento. Daqui de onde os vejo lembram-me dentes. Este feroz artifício não impede que, vez por outra, meninos saltem o muro e roubem abacates, nêsperas e papaias. Colocam uma tábua sobre o muro e depois alçam o corpo. Parece-me uma tarefa demasiado arriscada para tão escasso proveito. Talvez não o façam para provar as frutas. Creio que o fazem para provar o risco. Amanhã o risco há-de, talvez, saber-lhes a nêsperas maduras. Imaginemos que um deles venha a tornar-se sapador. Neste país não falta trabalho aos sapadores. Ainda ontem vi, na televisão, uma reportagem sobre o processo de desminagem. Um dirigente de uma organização não governamental lamentou a incerteza dos números. Ninguém sabe, ao certo, quantas minas foram enterradas no chão de Angola. Entre dez a vinte milhões. Provavelmente haverá mais minas do que angolanos. Suponhamos, pois, que um desses meninos venha a tornar-se sapador. Sempre que rastejar através de um campo de minas há-de vir-lhe à boca o remoto sabor de uma nêspera. Um dia enfrentará a inevitável questão, lançada, com um misto de curiosidade e horror, por um jornalista estrangeiro:

– Em que pensa enquanto desarma uma mina?

E o menino que ainda houver nele responderá sorrindo:

– Em nêsperas, meu pai.

A Velha Esperança, essa, acha que são os muros que fazem os ladrões. Ouvi-a dizer isto a Félix. O albino encarou-a, divertido:

– Querem lá ver que tenho uma anarquista em casa?! Daqui a pouco descubro que anda a ler Bakunine.

Disse isto e não lhe prestou mais atenção. Ela nunca leu Bakunine, claro; aliás, nunca leu livro nenhum, mal sabe ler. Todavia, venho aprendendo muita coisa sobre a vida, no geral, ou sobre a vida neste país, que é a vida em estado de embriaguez, ouvindo-a

falar sozinha, ora num murmúrio doce, como quem canta, ora em voz alta, como quem ralha, enquanto arruma a casa. A Velha Esperança está convencida de que não morrerá nunca. Em mil novecentos e noventa e dois sobreviveu a um massacre. Tinha ido a casa de um dirigente da oposição buscar uma carta do filho mais novo, em serviço no Huambo, quando irrompeu (vindo de toda a parte) um forte tiroteio. Insistiu em sair dali, queria regressar ao seu musseque, mas não a deixaram.

– É loucura, velha, faça de conta que está a chover. Daqui a pouco passa.

Não passou. O tiroteio, como um temporal, foi ficando mais forte, mais cerrado, foi crescendo na direcção da casa. Félix contou-me o que aconteceu naquela tarde:

“Veio uma tropa fandanga, uma malta de arruaceiros bem armados, muito bebidos, entraram pela casa à força e espancaram toda a gente. O comandante quis saber como se chamava a velha. Ela disse-lhe, *Esperança Job Sapalalo, patrão*, e ele riu-se. Troçou, *a Esperança é a última a morrer*. Alinharam o dirigente e a família no quintal da casa e fuzilaram-nos. Quando chegou a vez da Velha Esperança não havia mais balas. *O que te salvou*, gritou-lhe o comandante, *foi a logística. O nosso problema há-de ser sempre a logística*. Depois mandou-a embora. Agora ela julga-se imune à morte. Talvez seja.”

Não me parece impossível. Esperança Job Sapalalo tem uma fina teia de rugas no rosto, o cabelo todo branco, mas as carnes mantêm-se rijas, e os gestos são firmes e precisos. Na minha opinião é a coluna que sustenta esta casa.

* Osga: lagartixa.

(o estrangeiro)

Félix Ventura estuda os jornais enquanto janta, folheia-os atentamente, e se algum artigo lhe interessa assinala-o a tinta lilás com uma caneta. Termina de comer e então recorta-o com cuidado e guarda-o num arquivo. Numa das prateleiras da biblioteca há dezenas destes arquivos. Numa outra dormem centenas de cassetes de vídeo. Félix gosta de gravar noticiários, acontecimentos políticos importantes, tudo o que lhe possa ser útil um dia. As cassetes estão ordenadas por ordem alfabética, segundo o nome da personalidade ou do acontecimento a que se referem. O jantar dele resume-se a uma tigela de caldo verde, especialidade da Velha Esperança, a um chá de menta, a uma grossa fatia de papaia, temperada com limão e uma gota de vinho do porto. No quarto, antes de se deitar, veste o pijama com tal formalidade que eu fico sempre à espera de o ver atar ao pescoço uma gravata escura. Esta noite o estrídulo da campainha interrompeu-lhe a sopa. Isso irritou-o. Dobrou o jornal, levantou-se com esforço e foi abrir a porta. Vi entrar um homem alto, distinto, nariz adunco, as maçãs do rosto salientes, bigode farto, curvo e lustroso, como não se usa há mais de um século. Os olhos, pequenos e brilhantes, pareciam apoderar-se de todas as coisas. Vestia um fato azul, de corte antiquado, que no entanto lhe ficava bem, e segurava na mão esquerda uma pasta em cabedal. A sala ficou mais escura. Foi como se a noite, ou alguma coisa ainda mais enlutada do que a noite, tivesse entrado juntamente com ele. Mostrou um cartão de visitas. Leu alto:

– Félix Ventura. Assegure aos seus filhos um passado melhor. – Riu-se. Um riso triste, mas simpático: – É o senhor, presumo? Um amigo deu-me este cartão.

Não consegui pelo sotaque adivinhar-lhe a origem. O homem falava docemente, com uma soma de pronúncias diversas, uma subtil aspereza eslava, temperada pelo suave mel do português do Brasil. Félix Ventura recuou:

– Quem é você?

O estrangeiro fechou a porta. Passeou pela sala, as mãos cruzadas atrás das costas, detendo-se um longo momento em frente ao belo retrato a óleo de Frederick Douglass. Finalmente sentou-se numa das poltronas e com um gesto elegante convidou o albino a fazer o mesmo. Parecia ser ele o dono da casa. Amigos comuns, disse, e a voz

fez-se ainda mais suave, tinham-lhe indicado aquele endereço. Haviam-lhe falado num homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína. Félix olhou-o desconfiado. Tudo no estranho o irritava – os modos doces e ao mesmo tempo autoritários, o discurso irônico, o bigode arcaico. Sentou-se num majestoso cadeirão de verga, no extremo oposto da sala, como se receasse ser contagiado pela delicadeza do outro.

– Posso saber quem é você?

Também dessa vez não obteve resposta. O estrangeiro pediu licença para fumar. Tirou do bolso do casaco uma cigarreira de prata, abriu-a, e enrolou um cigarro. Os seus olhos saltitavam de um lado para o outro, numa atenção distraída, como uma galinha ciscando entre a poeira. Deixou que o fumo se espalhasse e o cobrisse. Sorriu num inesperado fulgor:

– Mas diga-me, meu caro, quem são os seus clientes?

Félix Ventura rendeu-se. Procurava-o, explicou, toda uma classe, a nova burguesia. Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, generais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo. Os empresários, os ministros, gostariam de ter como tias aquelas senhoras, prosseguiu, apontando os retratos nas paredes – velhas donas de panos, legítimas bessanganas –, gostariam de ter um avô com o porte ilustre de um Machado de Assis, de um Cruz e Sousa, de um Alexandre Dumas, e ele vende-lhes esse sonho singelo.

– Perfeito, perfeito. – O estrangeiro alisou o bigode. Foi isso que me disseram. Eu preciso dos seus serviços. Receio aliás que lhe vá dar bastante trabalho.

– O trabalho liberta –, murmurou Félix. Disse-o talvez para provocar, para testar a identidade do intruso, mas se era essa a intenção falhou, pois este limitou-se a fazer com a cabeça um gesto de assentimento. O albino levantou-se e desapareceu na direcção da cozinha. Voltou pouco depois segurando com ambas as mãos uma garrafa de bom tinto português. Mostrou-a ao estrangeiro. Ofereceu-lhe uma taça. Perguntou:

– Posso saber o seu nome?

O estrangeiro estudou o vinho contra a luz do candeeiro. Baixou as pálpebras e bebeu devagar, atento, feliz, como quem segue o voo de uma fuga de Bach. Poisou o copo numa pequena mesa, mesmo à sua frente, um móvel em mogno, com tampo de vidro; finalmente endireitou-se e respondeu:

– Tive muitos nomes mas quero esquecer-los a todos. Prefiro que seja você a baptizar-me.

Félix insistiu. Precisava de saber, no mínimo, em que se ocupavam os seus clientes. O estrangeiro ergueu a mão direita, uma mão larga, de dedos compridos e ossudos, numa vaga recusa. Depois baixou-a e suspirou:

– Tem razão. Sou repórter fotográfico. Recolho imagens de guerras, da fome e dos seus fantasmas, de desastres naturais, de grandes desgraças. Pense em mim como uma testemunha.

Explicou que pretendia fixar-se no país. Queria mais do que um passado decente, do que uma família numerosa, tios e tias, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, avós e avôs, inclusive duas ou três bessanganas, embora já todos mortos, naturalmente, ou a viverem no exílio, queria mais do que retratos e relatos. Precisava de um novo nome, e de documentos nacionais, autênticos, que dessem testemunho dessa identidade. O albino ouvia-o aterrado:

– Não! –, conseguiu dizer. – Isso eu não faço. Fabrico sonhos, não sou um falsário... Além disso, permita-me a franqueza, seria difícil inventar para o senhor toda uma genealogia africana.

– Essa agora! E por quê?!...

– Bem... O cavalheiro é branco!
– E então?! Você é mais branco do que eu!...
– Branco, eu?! –, o albino engasgou-se. Tirou um lenço do bolso e enxugou a testa: – Não, não! Sou negro. Sou negro puro. Sou um autóctone. Não está a ver que sou negro?...

Eu, que permanecera o tempo todo no meu lugar habitual, junto à janela, não consegui evitar uma gargalhada. O estrangeiro ergueu o rosto como se farejasse o ar. Tenso, alerta:

– Ouviu isto? Quem se riu?
– Ninguém, respondeu o albino, e apontou para mim: – Foi a osga.

O homem levantou-se. Vi-o aproximar-se e senti que os olhos dele me atravessavam. Era como se olhasse directamente para a minha alma (a minha velha alma). Abanou a cabeça num silêncio perplexo:

– Sabe o que é isto?
– Como?!
– É uma osga, sim, mas de uma espécie muito rara. Está a ver estas listras? Trata-se de uma osga-tigre, ou osga tigrada, um animal tímido, ainda pouco estudado. Os primeiros exemplares foram descobertos há meia dúzia de anos na Namíbia. Acredita-se que possam viver duas décadas, talvez mais. O riso impressiona. Não lhe parece um riso humano?

Félix concordou. Sim, ao princípio também ele ficara perturbado. Depois consultara alguns livros sobre répteis, encontrara-os ali mesmo, em casa, tinha livros sobre tudo, milhares deles, herdara-os do pai adoptivo, um alfarrabista que trocara Luanda por Lisboa poucos meses após a independência, e descobrira que certas espécies de osgas podem produzir sons fortes, semelhantes a gargalhadas. Ficaram um bom tempo discutindo sobre mim, o que me incomodou, porque o faziam como se eu não estivesse presente. Ao mesmo tempo sentia que falavam não de mim, mas de um ser alienígena, de uma vaga e remota anomalia biológica. Os homens ignoram quase tudo sobre os pequenos seres com os quais partilham o lar. Ratos, morcegos, baratas, formigas, ácaros, pulgas, moscas, mosquitos, aranhas, minhocas, traças, térmitas, percevejos,

bichos-do-arroz, caracóis, escaravelhos. Decidi que o melhor seria fazer-me à vida. Àquela hora o quarto do albino enche-se de mosquitos e eu começava a sentir fome. O estrangeiro levantou-se, foi até à cadeira onde poisara a pasta, abriu-a e tirou lá de dentro um envelope grosso. Entregou-o a Félix, despediu-se dele e avançou para a porta. Ele próprio a abriu. Acenou com a cabeça e desapareceu.

(um barco cheio de vozes)

Cinco mil dólares em notas grandes.

Félix Ventura rasgou o envelope num gesto rápido, nervoso, e as notas saltaram, como borboletas verdes, adejaram um momento no ar nocturno, e espalharam-se depois pelo soalho, sobre os livros, sob as cadeiras e os sofás. O albino ficou aflito. Ainda abriu a porta, disposto a perseguir o estrangeiro, mas na noite imensa, inerte, não havia ninguém.

– Viste isto?!. – Falava comigo. – E agora, o que faço?

Recolheu as notas uma a uma, contou-as, e voltou a guardá-las. Só então reparou que havia um bilhete dentro do envelope. Leu-o alto:

“Caro senhor, tenciono entregar-lhe mais cinco mil dólares quando receber todo o material. Deixo-lhe algumas fotografias minhas, do tipo passe, para utilizar nos documentos. Volto a passar por aqui dentro de três semanas.”

Félix deitou-se e tentou ler um livro – a biografia de Bruce Chatwin, de Nicholas Shakespeare, na edição portuguesa da Quetzal. Ao fim de dez minutos poisou-o na mesa de cabeceira e levantou-se. Girou pela casa até ao alvorecer murmurando frases soltas. As mãozinhas de viúva, ternas e minúsculas, volteavam à toa, autônomas, enquanto ele falava. A carapinha, cortada rente, irradiava em redor uma aura miraculosa. Se alguém o visse da rua, através das janelas, haveria de pensar que era uma assombração.

“Não, que disparate! Não o farei.”

(...)

“O passaporte não seria difícil, nem sequer arriscado, e ficaria barato. Posso fazê-lo, por que não?, um dia teria de o fazer, é o prolongamento inevitável deste jogo.”

(...)

“Cuidado meu camba, cuidado com os caminhos que escolhes. Não és um falsário. Tem paciência, inventa uma desculpa, devolve-

lhe os dólares e diz-lhe que não pode ser.”

(...)

“Dez mil dólares não se deitam fora. Passo dois ou três meses em Nova Iorque. Vou visitar os alfarrabistas de Lisboa. Vou ao Rio, às rodas de samba, vou às gafeiras, aos sebos, ou a Paris comprar discos e livros. Há quanto tempo não vou a Paris?”

(...)

A inquietação de Félix Ventura perturbou a minha actividade cinegética. Sou um caçador nocturno. Localizadas as presas persigo-as, forçando-as a subir até ao tecto. Uma vez lá em cima os mosquitos já não descem. Corro então à volta deles, em círculos cada vez mais fechados, encurrelo-os num canto, e devoro-os. Já vinha nascendo a madrugada quando o albino, atirado para um dos sofás da sala, me contou a história da sua vida.



– Costumo pensar nesta casa como sendo um barco. Um velho navio a vapor cortando a custo a lama pesada de um rio. A floresta imensa. A noite em volta. – Félix disse isto e baixou a voz. Apontou num gesto vago os vagos livros: – Está cheio de vozes, o meu barco.

Podia ouvir a noite a deslizar lá fora. Latidos. Garras arranhando os vidros. Olhando pelas janelas não me era difícil adivinhar o rio, as estrelas girando no seu dorso, aves esquivas escapando entre as ramagens. O mulato Fausto Bendito Ventura, alfarrabista, filho e neto de alfarrabistas, encontrou numa manhã de domingo um caixote à porta de casa. Lá dentro, estendido sobre vários exemplares d’ *A Relíquia* de Eça de Queirós, estava uma criaturinha nua, muito magra e deslavada, com um cabelo de espuma incandescente, e um límpido sorriso de triunfo. Viúvo, sem filhos, o alfarrabista recolheu o menino, criou-o e educou-o, seguro de que um desígnio superior armara a improvável trama. Guardou o caixote, bem como os respectivos livros. O albino falou-me disto com orgulho:

– Eça foi o meu primeiro berço.



Fausto Bendito Ventura fez-se alfarrabista por distração. Orgulhava-se de nunca ter trabalhado na vida. Saía de manhã cedo a passear pela baixa, malembe-malembe, muito apumado no seu fato de linho, chapéu de palha, laço e bengala, cumprimentando amigos e conhecidos com um leve toque do dedo indicador na aba do chapéu. Se acaso se cruzava com alguma senhora do seu tempo dedicava-lhe a luz de um sorriso galante. Soprava: *bom-dia, poesia*. Atirava piropos apimentados às empregadas dos bares. Conta-se (contou-me Félix) que um dia um invejoso o provocou:

– Afinal, o que faz o senhor nos dias úteis?

A réplica de Fausto Bendito, *todos os meus dias são inúteis, cavalheiro, eu os passeio*, ainda hoje desperta palmas e gargalhadas entre o magro círculo de antigos funcionários coloniais que, nas tardes exânimes da gloriosa Cervejaria Biker, persistem em iludir a morte, jogando cartas e contando casos. Fausto almoçava em casa, dormia a sesta, e depois sentava-se à varanda, a fruir a fresca brisa da tarde. Naquela época, antes da independência, ainda não havia o muro alto, a separar o jardim do passeio, e o portão estava sempre aberto. Aos clientes bastava galgar um lance de escadas para ter livre acesso aos livros, pilhas e pilhas deles, dispostos ao acaso no forte soalho do salão.



Partilho com Félix Ventura um amor (no meu caso sem esperança) pelas palavras antigas. A Félix Ventura quem o educou neste sentimento foi, primeiro, o pai, Fausto Bendito, e a seguir um velho professor, dos primeiros anos do liceu, sujeito de modos melancólicos, alto, e de tal forma delgado que parecia caminhar sempre de perfil, como uma gravura egípcia. Gaspar, assim se chamava o professor, comovia-se com o desamparo de certos vocábulos. Dava com eles abandonados à sua sorte, nalgum lugar ermo da língua, e procurava resgatá-los. Usava-os com ostentação e persistência, o que consternava uns e desconcertava outros. Creio que triunfou. Os seus alunos começaram por utilizar esses vocábulos, primeiro por troça, e a seguir como uma gíria íntima,

uma tatuagem tribal, que os fazia distintos da restante juventude. Hoje, assegurou-me Félix, são ainda capazes de se reconhecerem uns aos outros, mesmo quando nunca se viram antes, às primeiras palavras.

– Ainda tremo de cada vez que ouço alguém dizer edredom, um galicismo hediondo, em vez de frouxel, que a mim me parece, e estou certo que você concordará, palavra muito bela e muito nobre. Mas já me conformei com sutiã. Estrofião tem uma outra dignidade histórica. Soa, todavia, um pouco estranho – não concorda?

(sonho n.º 1)

Atravesso as ruas de uma cidade alheia esgueirando-me por entre a multidão. Passam por mim pessoas de todas as raças, de todas as crenças e de todos os sexos (durante muito tempo julguei que só houvesse dois). Homens de negro, óculos escuros, segurando pastas. Monges budistas, rindo muito, alegres como laranjas. Mulheres diáfanas. Gordas matronas com carrinhos de compras. Adolescentes magras, em patins, breves aves esgueirando-se entre a multidão. Meninos em fila indiana, com fardas escolares, o de trás segurando a mão do que vai na frente, na frente de todos uma professora, atrás de todos outra professora. Árabes de djelaba e solidéu. Carecas passeando pela trela cães assassinos. Polícias. Ladrões. Intelectuais absortos. Operários em fato macaco. Ninguém me vê. Nem sequer os japoneses, em grupos, com máquinas de filmar, e olhos estreitos atentos a tudo. Detenho-me em frente às pessoas, falo com elas, sacudo-as, mas não dão por mim. Não falam comigo. Há três dias que sonho com isto. Na minha outra vida, quando tinha ainda forma humana, acontecia-me o mesmo com certa frequência. Lembro-me de acordar depois com a boca amarga e o coração cheio de angústia. Acho que nessa época era uma premonição. Agora é talvez uma confirmação. Seja como for já não me aflige.

(Alba)

Ao acordar chamava-se Alba, Aurora ou Lúcia; à tarde Dagmar; à noite Estela. Era alta, muito branca, não desse tom opaco e leitoso, tão comum nas mulheres do norte da Europa, e sim de um leve alvor de mármore, translúcido, sob o qual era possível seguir a impetuosa correnteza do sangue. Já a receava antes de a ver. Ao vê-la perdi a fala. Estendi-lhe a tremer o envelope dobrado ao meio em cujas costas o meu pai escrevera, *Para Madame Dagmar*, naquela caligrafia de luxo que fazia qualquer apontamento, por mais simples, inclusive uma receita de sopa, parecer a ordem de um califa. Ela abriu-o, retirou lá de dentro, com a ponta dos dedos, um pequeno cartão, e ao deitar-lhe os olhos não foi capaz de conter o riso:

– Você é virgem?!

Senti-me desfalecer. Sim, eu completara dezoito anos, e nunca tivera uma mulher. Dagmar conduziu-me pela mão através de um labirinto de corredores e quando dei por isso estava, estávamos ambos, num quarto enorme, assombrado por graves espelhos. Então ela ergueu os braços sem nunca deixar de sorrir e o vestido deslizou-lhe num murmúrio até aos pés:

– A castidade é uma agonia inútil, garoto, eu corrijo-a com prazer.

Imaginei-a com o meu pai na penumbra afogueada daquele mesmo quarto. Foi um relâmpago, uma revelação, vi-a, multiplicada pelos espelhos, soltar o vestido e libertar os seios, vi-lhe as ancas largas, senti-lhe o calor do sangue quente, e vi o meu pai, vi as mãos poderosas do meu pai. Ouvi a sua gargalhada de homem maduro a estalar contra a pele dela, e a palavra chula. Vivi aquele exacto instante, milhares, milhões de vezes, com terror e com asco. Vivi-o até ao último dos meus dias.



Ocorre-me às vezes um infeliz verso cujo autor não recordo. Provavelmente sonhei-o. Será talvez o refrão de um fado, de um

tango, de algum velho samba que escutei em criança:

“O pior pecado é não amar.”

Houve muitas mulheres na minha vida mas receio não ter amado nenhuma. Não com paixão. Não, talvez, como o exige a natureza. Penso nisto com horror. A minha condição actual será – atormentar-se a suspeita – um castigo irônico. Ou é isso, ou foi simples distração.

(o nascimento de José Buchmann)

Desta vez o estrangeiro anunciou-se antes de aparecer, telefonou, e Félix Ventura teve tempo para se preparar. Às sete e meia já estava vestido, como se o esperasse um casamento, e fosse ele o noivo, ou o pai do noivo, num fato claro, em linho cru, sobre o qual brilhava, como um ponto de exclamação, um rubro laço de seda. Herdou o fato do pai.

– Espera alguém?

Esperava-o a ele. A Velha Esperança deixara no forno, para que não arrefecesse, um caldo de peixe. Comprara nessa madrugada um belo pargo, directamente aos pescadores da Ilha, e cinco postas de bagre fumado no Mercado de São Paulo. Uma prima trouxera-lhe da Gabela uns bagos perfumados de jindungo, *lume em estado sólido*, explicou-me o albino, além de mandioca, batata-doce, espinafres e tomate. Assim que Félix colocou a travessa na mesa espalhou-se pela sala um perfume forte, caloroso como um abraço, e pela primeira vez desde há muito tempo lamentei a minha actual condição. Também eu gostaria de me poder sentar à mesa. O estrangeiro comia com um apetite radiante, como se saboreasse não a carne firme do pargo, mas a vida inteira dele, anos e anos deslizando entre a súbita explosão dos cardumes, o turbilhão das águas, os densos fios de luz que, nas tardes de sol, caem a prumo sob o abismo azul.

– Um exercício interessante –, disse, – é tentar ver os factos através do olhar da vítima. Por exemplo, o peixe que estamos a comer... generoso pargo, não é?... Já tentou ver este nosso jantar na perspectiva dele?

Félix Ventura olhou para o pargo com uma atenção que até ao momento o pobre peixe lhe não merecera; depois, horrorizado, afastou o prato. O outro prosseguiu sozinho:

– Julga que a vida nos pede compaixão? Não creio. O que a vida nos pede é que a festejemos. Voltemos ao pargo. Se fosse este

pargo preferia que eu o comesse com desgosto ou com alegria?

O albino ficou calado. Ele sabe que é um pargo (somos todos) mas prefere, creio, que não o comam nunca. O estrangeiro continuou:

– Uma ocasião levaram-me a uma festa. Um velho festejava o seu centésimo aniversário. Quis saber como é que ele se sentia. O pobre homem sorriu-me atônito, disse-me, *não sei bem, aconteceu tudo demasiado rápido*. Referia-se aos seus cem anos de vida e era como se estivesse a falar de um desastre, algo que sobre ele tivesse desabado minutos antes. Às vezes sinto o mesmo. Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio. Sinto-me como esse velho.

Ergueu o copo:

– E todavia estou vivo. Sobrevivi. Comecei a compreender isso, por estranho que lhe possa parecer, ao desembarcar em Luanda. À Vida, pois! A Angola que me resgatou para a Vida. A este propício vinho, que comemora e une.

Que idade terá? Talvez sessenta, e nesse caso cuidou muito bem do corpo a vida inteira, ou quarenta, quarenta e cinco, e então deve ter atravessado anos de profundo desespero. Ao vê-lo ali sentado achei-o sólido como um rinoceronte. Os olhos, esses, parecem muito mais antigos, carregados de descrença e de fadiga, mesmo se, em determinados momentos, como quando, ainda agora, ergueu o copo e brindou à Vida, os ilumina uma luz de aurora.

– Que idade tem você?

– Permita-me que seja eu a fazer as perguntas. Conseguiu o que lhe pedi?

Félix ergueu os olhos. Conseguira. Tinha ali um bilhete de identidade, um passaporte, uma carta de condução, documentos esses em nome de José Buchmann, natural da Chibia, 52 anos, fotógrafo profissional.

A vila de São Pedro da Chibia, na Província da Huíla, no Sul do país, foi fundada em 1884 por colonos madeirenses, mas já por ali prosperavam, criando gado, cultivando a terra, e louvando a Deus pela graça de os ter feito nascer brancos em terra de pretos, isto disse Félix Ventura, é claro, eu apenas cito, uma meia dúzia de famílias bóeres. Chefiava o clã o comandante Jacobus Botha. O seu

lugar-tenente era um gigante ruivo e sombrio, Cornélio Buchmann, o qual casou, em 1898, com uma jovem madeirense, Marta Medeiros, de quem recebeu dois filhos. O mais velho, Pieter, morreu ainda criança. O mais novo, Mateus, foi um caçador famoso, servindo de guia, durante largos anos, a grupos de sul-africanos e ingleses que chegavam a Angola em busca de emoções fortes. Casou tarde, já passara dos cinquenta, com uma artista americana, Eva Miller, e teve um único filho: José Buchmann.

Depois que terminaram o jantar, depois de beber o seu chá de menta – José Buchmann preferiu um café – o albino foi buscar uma pasta de cartolina e abriu-a em cima da mesa. Mostrou o passaporte, o bilhete de identidade, a carta de condução. Havia também várias fotografias. Numa, em tons de sépia, bastante gasta, via-se um homem enorme, com um ar absorto, montado num boi-cavalo:

– Este –, apresentou o albino: – é Cornélio Buchmann, o seu avô.

Numa outra, um casal abraçava-se, junto a um rio, contra um horizonte largo e sem arestas. O homem tinha os olhos baixos. A mulher, num vestido estampado, florido, sorria para a objectiva. José Buchmann segurou a fotografia e levantou-se, colocando-se directamente sob a luz do candeeiro. A voz tremeu-lhe um pouco:

– São os meus pais?

O albino confirmou. Mateus Buchmann e Eva Miller, numa tarde de sol, defronte ao rio Chimpumpunhime. Devia ter sido ele próprio, José, então com onze anos, a fixar aquele instante. Mostrou-lhe um antigo número da Vogue com uma reportagem sobre caça grossa na África Austral. O artigo reproduzia uma aguarela com uma cena da vida selvagem – elefantes banhando-se numa lagoa – assinada por Eva Miller.

Poucos meses depois daquela foto, o rio correndo sereno para o seu destino, o capim alto em meio à tarde solene, Eva partiu para a Cidade do Cabo, numa viagem que deveria durar um mês, e nunca mais regressou. Mateus Buchmann escreveu a amigos comuns na África do Sul, pedindo notícias da mulher, e como nada conseguisse, confiou o filho a um empregado, um velho pisteiro cego, e foi à procura dela.

– E então, encontrou-a?

Félix encolheu os ombros. Recolheu as fotografias, os documentos, a revista, e guardou tudo na pasta de cartolina. Fechou-a, prendendo-a com um largo laço vermelho, como se fosse um presente, e entregou-a a José Buchmann.

– Escuso de o avisar –, disse, – não ponha os pés na Chibia.



Tenho vai para quinze anos a alma presa a este corpo e ainda não me conformei. Vivi quase um século vestindo a pele de um homem e também nunca me senti inteiramente humano. Conheci até agora três dezenas de lagartixas, de umas cinco ou seis espécies diferentes, não sei bem, a biologia nunca me interessou. Vinte cultivavam arroz ou erguiam construções, na imensa China, na ruidosa Índia ou Paquistão, antes de despertarem desse primeiro pesadelo para acordar neste outro, creio que, para elas, ou eles, tanto faz, um pouco menos atroz. Sete faziam o mesmo, ou quase o mesmo, em África, uma era dentista em Boston, uma vendia flores em Belo Horizonte, no Brasil, e a última lembrava-se de ter sido cardeal. Tinha saudades do Vaticano. Nenhuma leu Shakespeare. O cardeal gostava de Gabriel Garcia Marquez. O dentista disse-me ter lido Paulo Coelho. Eu nunca li Paulo Coelho. Troco com prazer a companhia das osgas e lagartos pelos longos solilóquios de Félix Ventura. Ontem confidenciou-me ter conhecido uma mulher extraordinária. O termo mulher, acrescentou, não lhe parecia exacto:

– Ângela Lúcia está para as mulheres como a humanidade está para os símios.

Frase atroz. O nome, porém, acordou outro em mim, Alba, e fiquei subitamente atento e grave. A lembrança da mulher tornou-o loquaz. Falava dela como quem se esforça por dar substância a um milagre.

– Ela é assim..., fez uma pausa, as mãos espalmadas, os olhos apertados num esforço de concentração, demorando-se a encontrar as palavras: – Pura luz!

Não me pareceu impossível. Um nome pode ser uma condenação. Alguns arrastam o nomeado, como as águas lamacentas de um rio após as grandes chuvadas, e, por mais que este resista, impõem-lhe um destino. Outros, pelo contrário, são como máscaras: escondem, iludem. A maioria, evidentemente, não tem poder algum. Recordo sem prazer, sem dor também, o meu nome humano. Não lhe sinto a falta. Não era eu.



José Buchmann tornou-se visita regular deste estranho barco. Mais uma voz a juntar às outras. Quer que o albino lhe acrescente o passado. Não economiza questões:

– O que aconteceu à minha mãe?

O meu amigo (acho que já lhe posso chamar assim) aborrece-se um pouco com a insistência. Cumpriu com a sua parte e não se julga obrigado a mais. Algumas vezes, porém, condescende. Eva Miller, disse, não regressou a Angola. Um antigo cliente do pai, de famílias do Sul, como os Buchmann, o velho Bezerra, encontrou-a uma tarde, por acaso, numa rua de Nova Iorque. Era uma senhora frágil, já de certa idade, que se movia em meio à turba com uma lentidão aflita, “como um passarinho com uma asa quebrada”, dissera-lhe Bezerra. Caiu-lhe nos braços numa esquina, caiu-lhe realmente nos braços, e ele, com o susto, soltou um impropério em humbe. A mulher protestou com um largo sorriso:

– Essas coisas não se dizem a uma senhora!

Só então a reconheceu. Sentaram-se num café de imigrantes cubanos e conversaram até a noite cair. Félix disse isto e fez uma pausa:

– Até descer a noite –, corrigiu: – em Nova Iorque a noite baixa, não cai; aqui, sim, mergulha do céu.

O meu amigo preocupa-se muito com a exactidão. Mergulha do céu, a noite, acrescentou, como uma ave de rapina. Interrupções assim desorientam José Buchmann. Ele quer saber o resto:

– E depois?

Eva Miller trabalhava como decoradora de interiores. Vivia em Manhattan, sozinha, num pequeno apartamento com vista para o Central Park. As paredes da minúscula sala, as paredes do único quarto, as paredes do estreito corredor, estavam cobertas por espelhos. José Buchmann interrompeu-o:

– Espelhos?!...

Sim, continuou o meu amigo, mas, a acreditar no que lhe dissera o velho Bezerra, não se tratava de espelhos comuns. Sorriu. Percebi que o arrastava já a força da sua própria fábula. Eram artefactos de feira popular, cristais perversos, concebidos com o propósito cruel de capturar e distorcer a imagem de quem quer que se atravessasse à sua frente. A alguns fora dado o poder de transformar a mais elegante das criaturas num anão obeso; a outros, o de a esticar. Havia espelhos capazes de iluminar uma alma opaca. Outros que reflectiam não a face de quem os encarava, mas a nuca, o dorso. Havia espelhos gloriosos e espelhos infames. Assim, sempre que entrava no seu apartamento, Eva Miller não se sentia sozinha. Entrava com ela uma multidão.

– Você tem o contacto desse senhor Bezerra?

Félix Ventura olhou-o surpreso. Encolheu os ombros, como se dissesse, se queres que eu vá por aí, tudo bem, eu vou por aí, e contou que o pobre velho morrera há escassos meses em Lisboa.

– Cancro –, disse. – Cancro nos pulmões. Fumava muito.

Ficaram em silêncio, os dois, pensando na morte do Bezerra. A noite estava morna e úmida. Soprava, através da janela, uma brisa plácida. Vinha carregada de uns mosquitos tênues, brandos, que volteavam à toa, enlouquecidos pela luz. Senti fome. O meu amigo encarou o outro e riu-se com prazer:

– Devia cobrar-lhe horas extraordinárias, pópilas! Acha-me com cara de Sherazade?...

(sonho n.º 2)

Havia um rapaz à minha espera, agachado, rente ao muro. Abriu as mãos e vi que estavam cheias de um lume verde, furtivo, uma matéria encantada que rapidamente se dispersou na escuridão. “Pirilampos”, segredou. Um rio deslizava atrás do muro, opaco, poderoso, arfando fatigado feito um mastim. Atrás dele começava a floresta. O muro, baixo, em pedra bruta, deixava ver a água negra, as estrelas correndo no seu dorso, a densa folhagem ao fundo – como num poço. O rapaz alçou-se para cima das pedras, sem esforço, ficou um momento imóvel, a cabeça afundada na noite, e depois saltou para o outro lado. No sonho eu era um homem ainda novo, alto, a tender para o gordo. Custou-me um pouco a galgar o muro. Depois saltei. Ajoelhei-me na lama e o rio veio lambe-me as mãos.

“O que é isto?”

O rapaz não respondeu. Estava de costas para mim. A pele dele era ainda mais negra do que a noite, lisa e lustrosa, e também nela, como no rio, rodopiava um carrossel de estrelas. Vi-o avançar pelo metal das águas até desaparecer. Ressurgiu, instantes depois, na outra margem. O rio, deitado aos pés da floresta, tinha finalmente adormecido. Continuei sentado ali, muito tempo, com a certeza de que se me esforçasse, se ficasse inteiramente imóvel, desperto, se me tocasse na alma, eu sei lá!, de certa maneira o fulgor das estrelas, conseguiria escutar a voz de Deus. E então comecei realmente a ouvi-la, e era rouca e chiava como uma chaleira ao lume. Esforçava-me por entender o que dizia quando vi emergir das sombras, mesmo à minha frente, um perdigueiro magro, com um pequeno rádio, desses de bolso, preso ao pescoço. O aparelho estava mal sintonizado. Uma voz de homem, profunda, subterrânea, lutava com dificuldade contra o tumulto eléctrico:

– O pior pecado é não amar – disse Deus, a voz macia de um cantor de tango: – Esta emissão tem o patrocínio das Padarias União

Marimba.

Depois o cão afastou-se, mancando um pouco, e tudo voltou a ficar em silêncio. Saltei o muro e fui-me embora, em direcção às luzes da cidade. Antes de alcançar a estrada ainda vi o rapaz, rente ao muro, abraçado ao perdigueiro. Olhavam para mim, os dois, como se fossem um único ser. Voltei-lhes as costas mas continuei a sentir (como se alguma coisa escura me batesse por trás) o olhar desafiador do cão e do menino. Acordei em sobressalto. Estava numa fenda úmida. Formigas pastavam entre os meus dedos. Fui à procura da noite. Os meus sonhos são, quase sempre, mais verossímeis do que a realidade.

(um esplendorio)

Imaginei, a partir da flamante, ainda que sucinta, descrição do meu amigo, uma espécie de anjo iluminado. Supus um lustre. Acho que Félix exagerou um pouco. Numa festa, perdida entre o fumo e o tumulto, não teria reparado nela. Ângela Lúcia é uma mulher jovem, pele morena e feições delicadas, finas tranças negras à solta pelos ombros. Vulgar. E no entanto, sim, sou forçado a reconhecê-lo, a pele dela reverbera por vezes, sobretudo quando se comove ou se exalta, em cintilações de cobre, e nessas alturas transforma-se – torna-se realmente bela. O que mais me impressionou, porém, – foi a voz, rouca, e todavia úmida, sensual. Félix chegou a casa, esta tarde, trazendo-a adiante, como um troféu. Ângela Lúcia observou atentamente os livros e os discos. Riu muito com o aprumo austero de Frederick Douglass.

– E este muadiê, o que faz aqui?

– É um dos meus bisavôs –, respondeu-lhe o albino. – O meu bisavô Frederico, – pai do meu avô paterno.

O homem enriquecera no século XIX vendendo escravos para o Brasil. Após o fim do tráfico comprara uma fazenda no Rio de Janeiro e ali vivera longos e felizes anos. Regressara a Angola, já muito velho, trazendo consigo duas filhas, gêmeas idênticas, ainda moças. As más línguas não tardaram em tecer suspeitas sobre a improvável paternidade. O velho desmentiu-as, alegremente, emprenhando uma criada; fê-lo dessa vez com tal talento que dela nasceu um menino com uns olhos em tudo iguais aos do progenitor. Dava até medo olhar. O retrato ali exposto fora obra de um pintor francês. Ângela Lúcia perguntou se podia fotografar o retrato. A seguir pediu licença para o fotografar a ele, ao meu amigo, sentado no grande cadeirão de verga que o bisavô escravocrata trouxera do Brasil. A última luz da tarde morria docemente na parede atrás.

– Uma luz como esta, acredita?, só encontrei aqui.

Disse que era capaz de reconhecer certos lugares do mundo apenas pela luz. Em Lisboa, a luz, no fim da primavera, debruça-se alucinada sobre o casario, e é branca e úmida, um pouco salgada. No Rio de Janeiro, naquela estação intuitiva à qual os cariocas chamam outono, e que os europeus afirmam com desdém ser puramente imaginária, a luz torna-se mais branda, como que um

fulgor de seda, acompanhada por vezes de uma cinza úmida, que encobre as ruas, e desce depois lentamente, tristemente, sobre as praças e os jardins. Nos campos encharcados do Pantanal de Mato Grosso, de manhã bem cedo, as araras-azuis atravessam o céu, sacudindo das asas uma luz lúcida e lenta, que pouco a pouco pousa sobre as águas, cresce e se propaga, e parece cantar. Na floresta de Taman Negara, na Malásia, a luz é uma matéria fluida, que se cola à pele e tem sabor e cheiro. Em Goa, é ruidosa e áspera. Em Berlim o sol está sempre a rir-se, pelo menos desde o instante em que consegue furar as nuvens, como naqueles autocolantes ecologistas contra a energia nuclear. Mesmo nos céus mais improváveis Ângela Lúcia descobrira brilhos a merecerem ser salvos do esquecimento; antes de ter visitado os países escandinavos julgava que, por lá, nos meses eternos do inverno, a luz fosse uma mera conjectura. Mas não, as nuvens acendiam-se por vezes em largos clarões de esperança. Disse isto e levantou-se. Tomou um ar dramático:

– E no Egipto? No Cairo, já estive no Cairo?, junto às pirâmides de Gisé?... Ergueu as mãos e declamou: “A luz cai, magnífica, tão forte, tão viva, que parece pousar sobre as coisas como uma espécie de névoa luminosa.”

– Isso é Eça!. – O albino sorriu: – Reconheço-o pelos adjectivos, da mesma forma que seria capaz de reconhecer Nelson Mandela só pelas camisas. São, suponho, as notas que escreveu durante a viagem ao Egipto.

Ângela Lúcia assobiou alegre, impressionada; bateu palmas. Era então verdade o que diziam dele, que lera os clássicos portugueses de fio a pavio, o Eça inteiro, o inesgotável Camilo? O albino tossiu, enrubesceu. Desviou a conversa. Disse-lhe que tinha um amigo, fotógrafo como ela, e que, também como ela, vivera muitos anos no estrangeiro e regressara há pouco ao país. Um fotógrafo de guerra. Não gostaria de o conhecer?

– Um fotógrafo de guerra? – Ângela olhou-o horrorizada: – O que tem isso a ver comigo?! Nem sequer sei se sou fotógrafa. Eu coleciono luz.

– Tirou uma caixa de plástico da carteira e mostrou-a ao albino:

– É o meu esplendorio –, disse: – slides.

Traz sempre com ela alguns exemplares dessas múltiplas formas de esplendor, recolhidas nas savanas de África, nas velhas cidades da Europa, ou nas cordilheiras e florestas da América Latina. Luzes, clarões, exíguos lumes, presos entre um caixilho de plástico, com as quais vai alimentando a alma nos dias de sombra. Perguntou se na casa havia um projector. O meu amigo disse-lhe que sim e foi buscar a máquina. Minutos depois estávamos em Cachoeira, pequena cidade do Recôncavo Baiano:

– Cachoeira! Cheguei num velho ônibus. Caminhei um pouco, com a mochila às costas, à procura de uma pousada, e dei com esta pracinha deserta. Entardecia. Uma tempestade tropical formava-se a oriente. O sol corria rente ao chão, cor de cobre, até bater de encontro àquela imensa parede de nuvens negras, para além dos velhos casarões coloniais. É um cenário dramático, não acha?” – Suspirou. Tinha a pele iluminada, os belos olhos rasos de lágrimas: – E então vi o rosto de Deus!

(a filosofia de uma osga)

Venho estudando desde há semanas José Buchmann. Observo-o a mudar. Não é o mesmo homem que entrou nesta casa, seis, sete meses atrás. Algo, da mesma natureza poderosa das metamorfoses, vem operando no seu íntimo. É talvez, como nas crisálidas, o secreto alvoroço das enzimas dissolvendo órgãos. Podem argumentar que todos estamos em constante mutação. Sim, também eu não sou o mesmo de ontem. A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre.

(Eu acreditava nisto antes de conhecer Félix Ventura.)

Ao chegarmos a velhos apenas nos resta a certeza de que em breve seremos ainda mais velhos. Dizer de alguém que é jovem não me parece uma expressão correcta. Alguém está jovem, isso sim, da mesma forma que um copo se mantém intacto momentos antes de se estilhaçar no chão. Mas perdoem-me a deriva; é nisto que dá quando uma osga se põe a filosofar. Voltemos, pois, a José Buchmann. Não estou a sugerir que dentro de alguns dias irrompa de dentro dele, sacudindo grandes asas multicores, uma imensa borboleta. Refiro-me a alterações mais subtis. Em primeiro lugar está a mudar de sotaque. Perdeu, vem perdendo, aquela pronúncia entre eslava e brasileira, meio doce, meio sibilante, que ao princípio tanto me desconcertou. Serve-se agora de um ritmo luandense, a condizer com as camisas de seda estampada e os sapatos desportivos que passou a vestir. Acho-o também mais expansivo. A rir, é já angolano. Além disso tirou o bigode. Ficou mais jovem. Apareceu-nos aqui em casa esta noite, após quase uma semana de ausência e mal o albino lhe abriu a porta, disparou:

– Estive na Chibia!

Vinha febril. Sentou-se no majestoso trono de verga que o bisavô do albino trouxe do Brasil. Cruzou as pernas, descruzou-as. Pediu

um uísque. O meu amigo serviu-o, aborrecido. Santo Deus, o que fora ele fazer à Chibia?

– Fui visitar a campa do meu pai.

Como?! O outro engasgou-se. Qual pai, o fictício Mateus Buchmann?

– O meu pai! Mateus Buchmann pode ser uma ficção sua, aliás urdida com muita classe. Mas a campa, juro!, essa é bem real.

Abriu um envelope e tirou lá de dentro uma dúzia de fotografias, a cores, que espalhou sobre o tampo em vidro da pequena mesa de mogno. Na primeira imagem cabia um cemitério; na segunda podia ler-se a lápide de uma das campas: “Mateus Buchmann / 1905-1978.” As outras eram imagens da vila:

a) Casas baixas.

b) Ruas direitas, abertas com largueza para uma paisagem verde.

c) Ruas direitas, abertas com largueza para a paz imensa de um céu sem nuvens.

d) Galinhas ciscando em meio à poeira vermelha.

e) Um velho (mulato), sentado à mesa triste de um bar, o olhar pousado numa garrafa vazia.

f) Flores murchas num vaso.

g) Uma enorme gaiola, sem pássaros.

h) Um par de botas, muito gastas, aguardando à soleira de uma casa.

Havia em todas as fotografias algo de crepuscular. Era o fim, ou era quase o fim, só não se percebia de quê.

– Eu insisti consigo, pedi-lhe, avisei-o para que nunca fosse à Chibia!

– Bem sei. Por isso fui...

O meu amigo abanou a cabeça. Não consegui perceber se estava furioso ou divertido ou ambas as coisas. Estudou demoradamente a fotografia da campa. Sorriu desarmado:

– Bom trabalho. E olhe que lhe falo como profissional. Dou-lhe os parabéns!

(ilusões)

Vi esta madrugada, no quintal, dois rapazes a imitarem rolas. Um estava encavalitado sobre uma tábua, no muro, uma perna para lá, outra para cá. O outro galgara o abacateiro. Recolhia os abacates, lançava-os na direcção do primeiro, e este apanhava-os no ar, com uma habilidade de malabarista, e guardava-os num saco. Então, de repente, o que estava na árvore, meio oculto entre a folhagem (eu só lhe via os ombros e o rosto) levou à boca as mãos em concha e arrulhou. O outro riu-se, imitou-o, e era como se as aves estivessem ali mesmo, uma sobre o muro, a outra num dos ramos mais altos do abacateiro, exorcizando com o vigor do seu canto as sombras derradeiras. Este episódio fez-me lembrar José Buchmann. Vi-o chegar a esta casa com um extraordinário bigode de cavalheiro do século XIX, e um fato escuro, de corte antiquado, como se fosse estrangeiro a tudo. Vejo-o agora, dia sim, dia não, entrar pela porta de camisa de seda, em padrões coloridos, com a gargalhada larga e a alegre insolência dos naturais do país. Se não tivesse visto os dois rapazes, se apenas os tivesse escutado, acreditaria que havia rolas na madrugada úmida. Olhando para o passado, contemplando-o daqui, como contemplaria uma larga tela colocada à minha frente, vejo que José Buchmann não é José Buchmann, e sim um estrangeiro a imitar José Buchmann. Porém, se fechar os olhos para o passado, se o vir agora, como se nunca o tivesse visto antes, não há como não acreditar nele – aquele homem foi José Buchmann a vida inteira.

(na minha primeira morte eu não morri)

Um dia, na minha anterior forma humana, decidi matar-me. Queria morrer completamente. Tinha esperança de que a vida eterna, o paraíso e o inferno, Deus e o Diabo, a reencarnação, tudo isso, fossem apenas superstições urdidas demoradamente, ao longo de séculos e séculos, pelo vasto terror dos homens. Comprei um revólver numa armaria, apenas a dois passos da minha casa, mas onde nunca tinha entrado antes, e cujo proprietário não me conhecia. Depois comprei um livro policial e uma garrafa de genebra. Fui para um hotel na praia, bebi a genebra com desgosto, em largos goles (o álcool sempre me repugnou), e estendi-me na cama a ler o livro. Achava que a genebra, somada ao tédio de um enredo ingênuo, me daria a coragem necessária para encostar o revólver à nuca e apertar o gatilho. O livro, porém, não era mau – e eu li-o até ao fim. Quando cheguei à última página começou a chover. Era como se chovesse noite. Explico melhor: era como se do céu caíssem grossos fragmentos desse oceano escuro e sonolento no qual navegam as estrelas. Fiquei à espera de as ver cair, quebrando-se depois, com grande brilho e clamor, de encontro às vidraças. Não caíram. Apaguei o candeeiro. Encostei o revólver à nuca, e adormeci.

(sonho n.º 3)

Sonhei que tomava chá com Félix Ventura. Tomávamos chá, comíamos torradas e conversávamos. Sucedia isto num salão amplo, ao estilo *art nouveau*, com as paredes cobertas por austeros espelhos emoldurados a jacarandá. Uma claraboia, com um belo vitral representando dois anjos de asas abertas, deixava passar uma luz feliz. Havia outras mesas ao redor, e pessoas sentadas, mas não tinham rosto, ou eu não lhes via o rosto, o que me dava igual, pois toda a sua existência se resumia a um leve murmurinho. Podia ver a minha imagem reflectida nos espelhos – um homem alto, de carão comprido, a carne cheia, e todavia lassa, um tanto pálida, um desdém mal disfarçado pela restante humanidade. Era eu, sim, há muito tempo, na duvidosa glória dos meus trinta anos.

– Você inventou-o, a esse estranho José Buchmann, e ele agora começou a inventar-se a si próprio. A mim parece-me uma metamorfose... Uma reencarnação. Ou antes: uma possessão.

O meu amigo olhou-me assustado:

– O que quer dizer?

– José Buchmann, será que você não percebe?, apoderou-se do corpo do estrangeiro. Ele torna-se mais verídico a cada dia que passa. O outro, o que havia antes, aquele sujeito nocturno que entrou pela nossa casa há oito meses, como se viesse, nem digo de um outro país, mas de uma outra época, onde está ele?

– É um jogo. Sei que é um jogo. Sabemos todos.

Serviu-se do chá. Escolheu duas pedras de açúcar e mexeu o líquido. Bebeu-o de olhos baixos. Éramos dois cavalheiros, dois bons amigos, vestidos de branco num café elegante. Bebíamos o nosso chá, comíamos torradas e conversávamos.

– Seja –, concordei: – Vamos admitir que não passa de um jogo. Quem é então esse sujeito?

Enxuguei o suor do rosto. Nunca me distingui pela coragem. Talvez por isso sempre fui atraído (falo da minha outra vida) pelo

destino tumultuoso dos heróis e dos rufias. Coleccionei navalhas de ponta e mola. Alardeei, com um orgulho de que hoje me envergonho, as façanhas de um avô general. Fiz amizade com alguns homens valentes, mas isso, infelizmente, não me ajudou. A coragem não é contagiosa; o medo, sim. Félix sorriu ao compreender que o meu terror era maior, e mais antigo, do que o dele:

– Não faço ideia. E você?

Mudou de assunto. Contou ter assistido, dias antes, à apresentação do novo romance de um escritor da diáspora. Era um sujeito quizilento, um indignado profissional, que construíra toda a sua carreira no exterior, vendendo aos leitores europeus o horror nacional. A miséria faz imenso sucesso nos países ricos. O apresentador, um poeta local, deputado pelo partido maioritário, elogiou o novo romance, o estilo, o vigor narrativo, ao mesmo tempo que castigava o autor por achar nele um olhar espúrio sobre a história recente do país. Aberto o debate logo um outro poeta, também deputado, e mais famoso pelo seu passado de revolucionário do que pela actividade literária, ergueu a mão:

– Nos seus romances você mente propositadamente ou por ignorância?

Houve risos. Um murmúrio de aprovação. O escritor hesitou três segundos. Depois contra-atacou:

– Sou mentiroso por vocação –, bradou: – Minto com a alegria. A literatura é a maneira que um verdadeiro mentiroso tem para se fazer aceitar socialmente.

Acrescentou a seguir, já mais sóbrio, baixando a voz, que a grande diferença entre as ditaduras e as democracias está em que no primeiro sistema existe apenas uma verdade, a verdade imposta pelo poder, ao passo que nos países livres cada pessoa tem o direito de defender a sua própria versão dos acontecimentos. A verdade, disse, é uma superstição. A ele, Félix, impressionou-o esta ideia.

– Acho que aquilo que faço é uma forma avançada de literatura –, confidenciou-me. – Também eu crio enredos, invento personagens, mas em vez de os deixar presos dentro de um livro dou-lhes vida, atiro-os para a realidade.



Simpatizo com paixões impossíveis. Sou, ou fui, um especialista nisso. Comove-me o lento cerco de Félix Ventura a Ângela Lúcia. Todos as manhãs lhe envia flores. Ela queixou-se disso, rindo, mal o meu amigo lhe abriu a porta. Que sim, que eram maravilhosas, tão lindas as rosas de porcelana, pareciam-lhe, com aquele fulgor exagerado e artificial, travestis – ou melhor, *drag queens*; tão lindas as orquídeas, embora ela preferisse as margaridas, de uma beleza rural e sem vaidade. Sim, agradecia-lhe as flores, mas por favor não enviasse mais, porque já não sabia o que fazer com elas. O ar do seu quarto, no Grande Hotel Universo, pesava, atordoava, com a soma de tantos perfumes discordantes. O albino suspirou; se pudesse desenrolaria à passagem dela um tapete de pétalas de rosas. Gostaria de reger uma orquestra de pássaros enquanto no céu se fossem abrindo, um por um, os arco-íris. As declarações de amor, mesmo as mais ridículas, comovem as mulheres. Ângela Lúcia comoveu-se. Beijou-o no rosto. Mostrou-lhe depois as fotografias que fez nas últimas semanas: nuvens.

– Não parecem saídas de um sonho?

Félix estremeceu:

– Tenho sonhos –, disse: – Tenho às vezes sonhos um pouco estranhos. Esta noite sonhei com ele...

E apontou para mim. Senti-me desfalecer. Corri rapidamente, assustado, a esconder-me numa fenda, junto ao tecto. Ângela Lúcia gritou, num daqueles arrebatamentos infantis que a caracterizam:

– Uma osga?! Que maravilha!...

– Não é uma osga qualquer. Vive aqui em casa há muitos anos. No sonho ela tinha a forma de um homem, um tipo pesado, cuja cara, aliás, não me é estranha. Estávamos num café e conversávamos...

– Deus deu-nos os sonhos para que possamos espreitar o outro lado –, disse Ângela Lúcia: – Para conversarmos com os nossos mais-velhos. Para conversarmos com Deus. Eventualmente, com osgas.

– Tu não acreditas nisso!...

– Acredito sim. Acredito em coisas muito esdrúxulas, meu querido. Se soubesses as coisas em que acredito olharias para mim como se eu fosse, sozinha, um grande circo de monstros. Sobre o que conversaram, tu e a osga?

(espanta-espíritos)

Na varanda, lá fora, suspensos do tecto, há dezenas de espanta-espíritos em cerâmica. Félix Ventura trouxe-os das suas viagens. A maioria são brasileiros. Aves pintadas de cores vivas. Conchas. Borboletas. Peixes tropicais. Lampião e a sua alegre tropa de jagunços. A brisa produz, ao agitá-los, um límpido rumor de água, e Isso faz com que recorde, sempre que a brisa sopra, e a esta hora, graças a Deus, sopra sempre, a secreta natureza desta casa:

Um barco (cheio de vozes) subindo um rio.

Ontem aconteceu algo estranho. Félix convidou para o jantar Ângela Lúcia e José Buchmann. Escondi-me no alto de uma das estantes, de onde podia ver tudo, tranquilamente, com a certeza de não ser visto. José Buchmann chegou primeiro. Entrou às gargalhadas, ele e a camisa (palmeiras estampadas, papagaios, um mar muito azul) e como um vendaval atravessou a sala, correu o corredor, e foi até à cozinha. No armário das bebidas escolheu uma garrafa de uísque. Depois abriu o frigorífico, tirou duas pedras de gelo, colocou-as num copo largo, serviu-se generosamente da bebida, e regressou à sala, tudo isto enquanto contava, aos gritos, rindo sempre, como nessa manhã quase ia morrendo atropelado. Ângela Lúcia chegou num vestido verde, em surdina, trazendo pela mão a última luz. Ficou parada diante de José Buchmann:

– Vocês já se conheciam?

– Não, não! – Ângela negou numa voz sem cor: – Creio que não...

José Buchmann estava ainda menos seguro:

– Desconheço imensa gente! –, disse, e riu do seu próprio humor.

– Nunca fui muito popular.

Ângela Lúcia não se riu. José Buchmann olhou-a ansioso. A voz dele voltou a ter aquela doçura sibilante dos primeiros dias. Contou que vinha, há dias, a fotografar um louco, um desses inúmeros desgraçados que vagueiam sem rumo pelas ruas da cidade, porque o fascinava o singular aprumo do homem. Naquela manhã, muito

cedo, estava ele, José Buchmann, estendido de braços no meio do asfalto, para conseguir uma boa imagem do velho a emergir de uma sarjeta, na qual, aparentemente, havia feito moradia, quando de repente viu um carro saltar na sua direção. Rolou até ao passeio, agarrado à Canon, mesmo a tempo de evitar uma morte horrorosa. Ao revelar o filme reparou que, na desordem da fuga, a máquina tinha disparado três vezes. Duas das imagens não se aproveitavam. Lama. Um pedaço de céu. Na última, porém, distinguia-se claramente o furtivo metal do automóvel, e o rosto, indiferente, do passageiro, sentado atrás. Mostrou as fotografias. Félix assobiou:

– Pópilas! É o presidente!...

Ângela Lúcia interessou-se mais pelo pedaço de céu:

– A nuvem, repararam?, lembra um lagarto...

José Buchmann concordou. Lembrava um lagarto, ou um crocodilo, mas, enfim, cada um vê o que quer no fugaz desenho de uma nuvem. Quando Félix reapareceu, vindo da cozinha, segurando entre as mãos um largo e fundo tacho de barro, já ambos se haviam recomposto. Buchmann exigiu o jindungo e o limão. Elogiou a consistência do fungi. Pouco a pouco recuperou a gargalhada larga e o sotaque luandense. Ângela Lúcia fixou nele os ternos olhos de água:

– Félix disse-me que você viveu muito tempo no estrangeiro. Em que países?

José Buchmann hesitou um instante. Voltou-se para o meu amigo, num desassossego, a pedir-lhe ajuda. Félix fingiu não perceber:

– Sim, sim. Nunca me contou onde esteve estes anos todos...

Sorria docemente. Era como se experimentasse pela primeira vez o prazer da crueldade. José Buchmann suspirou fundo. Encostou-se à cadeira:

– Atravessei a última década sem morada certa, à deriva pelo mundo, fotografando guerras. Antes disso vivi no Rio de Janeiro, antes ainda em Berlim, e ainda antes em Lisboa. Fui para Portugal nos anos sessenta, estudar direito, mas não gostei do clima. Fazia muito silêncio. Fado, Fátima, futebol. No inverno, que podia acontecer em qualquer altura do ano, e normalmente acontecia, baixava do céu uma chuva de algas mortas. As ruas escureciam. As

peessoas morriam de tristeza. Até os cães se enforcavam. Fugi. Primeiro fui para Paris, e de lá, com um amigo, para Berlim. Lavei pratos num restaurante grego. Trabalhei como recepcionista num bordel de luxo. Dei aulas de português a alemães. Cantei em bares. Posei como modelo para jovens estudantes de pintura. Um dia um amigo ofereceu-me uma Canon F-1, que ainda hoje utilizo, e assim me tornei fotógrafo. Estive no Afeganistão em mil novecentos e oitenta e dois, do lado das tropas soviéticas... em Salvador, do lado da guerrilha... no Peru, dos dois lados... nas Malvinas, também dos dois lados... no Irão, durante a guerra contra o Iraque... no México, do lado dos Zapatistas... Fotografei muito em Israel e na Palestina. Muito. Ali não falta trabalho.

Ângela Lúcia sorriu, outra vez nervosa:

– Basta! Não quero que as suas memórias deixem esta casa suja de sangue.

Félix voltou à cozinha para preparar a sobremesa. Os dois convidados continuaram um diante do outro. Nenhum falou. O silêncio entre eles era cheio de murmúrios, de sombras, de coisas que corriam ao longe, numa época distante, escuras e furtivas. Ou talvez não. Provavelmente ficaram apenas calados, um em frente do outro, porque nada acharam para falar, e eu imaginei o resto.

(sonho n.º 4)

Vi-me a mim próprio caminhando ao longo de uma passadeira feita de tábuas atravessadas. A passadeira serpenteava, suspensa a um metro da areia, perdendo-se ao longe, entre alguma duna mais alta, ressurgindo adiante, por vezes quase encoberta pela vegetação de gramíneas e arbustos, outras totalmente exposta. O mar, à minha direita, era liso e luminoso, de um azul-turquesa, como só existe nos cartazes turísticos, ou nos sonhos felizes, e dele ascendia um aroma quente a algas e a sal. Um homem avançava ao meu encontro. Soube logo, mesmo antes de lhe distinguir as feições, que era o meu amigo Félix Ventura. Percebia-se que o sol o incomodava. Trazia uns óculos escuros, impenetráveis, calças de linho cru e uma camisa solta, também de linho, que ondulava ao vento como uma bandeira. Cobria-lhe a cabeça um belo chapéu-panamá, mas nem este, em todo o seu elegante esplendor, parecia suficiente para o salvar do duro tormento do sol.

– Sou um homem sem cor –, disse-me: – e, como você sabe, a natureza tem horror ao vazio.

Sentamo-nos num banco, amplo e confortável, erguido sobre a passadeira. O mar espreguiçava-se, sereno, aos nossos pés. Félix Ventura tirou o chapéu e sacudi com ele o rosto largo. A pele brilhava, cor-de-rosa, coberta de suor. Apiedei-me dele:

– Nos países frios as pessoas de pele clara não sofrem tanto com a inclemência do sol. Talvez você devesse emigrar para a Suíça. Já esteve em Genebra? Eu gostaria de viver em Genebra.

– O meu problema não é o sol! –, retorquiu. – O meu problema é a ausência de melanina. – Riu-se: – Já reparou que tudo o que é inanimado descolora ao sol – mas o que é vivo ganha cor?

Faltava-lhe alma, a ele, faltava-lhe vida?! Neguei com veemência. Nunca conhecera ninguém tão vivo. Parecia-me até que havia nele nem digo vida, mas vidas a mais. Nele e em redor dele. Félix olhou-me com atenção:

- Desculpe a pergunta, mas posso saber o seu nome?
- Não tenho nome –, respondi, e estava a ser sincero: – sou a osga.
- Isso é ridículo. Ninguém é uma osga!
- Tem razão. Ninguém é uma osga. E você – chama-se de facto Félix Ventura?

A minha pergunta pareceu ofendê-lo. Reclinou-se no banco e mergulhou os olhos no fundo assombro do céu. Temi que fosse saltar para dentro dele. Eu não conhecia aquele lugar. Não me conseguia lembrar de alguma vez, na minha outra vida, ter estado ali. Cactos enormes, alguns com vários metros de altura, erguiam-se por entre as dunas, atrás de nós, também eles deslumbrados pelo límpido fulgor do mar. Um bando de flamingos deslizou num calmo incêndio através do céu azul, mesmo por sobre as nossas cabeças, e só então tive a certeza de que aquilo era realmente um sonho. Félix voltou-se lentamente, os olhos úmidos:

– É isto a loucura?

Não soube o que lhe responder.

(eu, Eulálio)

Na noite seguinte Félix repetiu a pergunta a Ângela Lúcia. Antes, claro, contou-lhe que voltara a sonhar comigo. Tenho visto Ângela Lúcia dizer coisas graves, enquanto ri, ou, ao contrário, compor um ar muito sério ao mesmo tempo que troça do seu interlocutor. Nem sempre consigo perceber o que pensa. Naquele caso riu-se diante dos olhos aflitos do meu amigo, aumentando grandemente o seu desassossego, mas logo a seguir ficou muito séria e perguntou:

– E o nome? Afinal o muadiê disse-te quem é?.

Ninguém é um nome! – Pensei com força.

– Ninguém é um nome! – Respondeu Félix.

A resposta apanhou Ângela Lúcia de surpresa. Félix também. Vi-o olhar para a mulher como para um abismo. Ela teve um sorriso doce. Descansou a mão direita no braço esquerdo do albino. Segredou-lhe algo ao ouvido e este relaxou.

– Não –, confirmou num sopro: – Não sei quem é. Mas se sou eu quem o sonho posso dar-lhe o nome que quiser, não achas?, vou chamá-lo Eulálio, porque tem o verbo fácil.

Eulálio?! Pareceu-me bem. Serei pois Eulálio.

(a chuva sobre a infância)

Chove. Grossas gotas de água, empurradas pelo vento forte, lançam-se de encontro às vidraças. Félix, sentado frente à tempestade, saboreia em colheradas lentas um batido de frutas. Nas últimas noites tem sido este o seu jantar. Ele próprio prepara uma papaia, picando-a com um garfo. Junta depois dois maracujás, uma banana, passas, pinhões, uma colher de sopa de muesli, de uma marca inglesa, e um fio de mel.

– Falei-lhe nos gafanhotos?

Falou-me.

– Sempre que chove assim eu lembro-me dos gafanhotos. Não aqui, não em Luanda, claro, aqui nunca vi nada parecido. O meu pai, o velho Fausto Bendito, herdou, da avó materna, uma fazenda na Gabela. Íamos lá passar férias. Para mim era como visitar o paraíso. Brincava o dia inteiro com os filhos dos trabalhadores, mais um ou outro menino branco, dali mesmo, meninos que sabiam falar quimbundo. Fazíamos guerras entre índios e caubóis, com chifutas e lanças que nós mesmos fabricávamos, e até com espingardas de pressão de ar, eu tinha uma, um outro menino tinha outra, que carregávamos com maçãs-da-índia. A maçã da índia, não deves conhecer, é um fruto pequenino, vermelho, mais ou menos do tamanho de um chumbo. Davam ótimas balas porque ao acertarem no alvo desfa-ziam-se, pluf!, manchando a roupa da vítima como se fosse sangue. Vejo chover assim e lembro-me da Gabela. As mangueiras, rodeando a estrada, mesmo à saída da Quibala. As omeletes, nunca comi outras assim, que serviam ao matabicho no Hotel da Quibala. A minha infância está cheia de bons sabores. Cheira bem a minha infância. Lembro-me, sim, dos gafanhotos. Lembro-me das tardes em que choviam gafanhotos. O horizonte escurecia. Os gafanhotos caíam atordoados no capim, primeiro um ali, depois outro acolá, e eram logo, logo, devorados pelos pássaros. A escuridão avançava, cobria tudo, e no instante seguinte

transformava-se numa coisa ansiosa e múltipla, num zumbido furioso, num alvoroço, e nós corríamos para casa, a procurar abrigo, enquanto as árvores perdiam as folhas e o capim desaparecia, em poucos minutos, devorado por aquela espécie de incêndio vivo. No dia seguinte tudo o que era verde tinha desaparecido. Fausto Bendito contava que viu desaparecer assim, devorada pelos gafanhotos, uma carrinha verde. Deve ser exagero.

Gosto de o ouvir. Félix fala da sua infância como se realmente a tivesse vivido. Fecha os olhos. Sorri:

– Fecho os olhos e volto a ver os gafanhotos a caírem do céu. Os quissondes, formigas guerreiras, sabes?, os quissondes desciam da noite, de alguma porta na noite com acesso ao inferno, e multiplicavam-se, aos milhares, aos milhões, à medida que os matávamos. Lembro-me de despertar a tossir, a tossir muito, a tossir sufocado, os olhos a arder, em meio ao fumo da batalha. Fausto Bendito, o meu pai, em pijama, a carapinha russa toda desgrenhada, os pés nus enfiados dentro de uma bacia de água, a combater aquele mar de formigas com uma bomba de DDT. Fausto a gritar instruções para os criados por entre a fumaça. Eu ria num assombro de criança. Adormecia, sonhava com os quissondes, e quando acordava eles continuavam ali, em meio ao fumo, àquele fumo acre, milhões de pequenas máquinas trituradoras, com a sua fúria cega e uma fome ancestral. Adormecia, sonhava, e eles entravam por dentro dos meus sonhos, e eu via-os a trepar pelas paredes, a atacar as galinhas no galinheiro, e os pombos no pombal. Os cães mordiam as patas. Giravam num rodopio de cólera, giravam aos uivos, tentavam, às dentadas, arrancar os bissondes que se lhes prendiam aos dedos, giravam, uivavam, mordiam a própria carne. Arrancavam os bissondes juntamente com os dedos. O pátio ficava cheio de sangue. O cheiro do sangue enlouquecia ainda mais os cães. Enlouquecia os quissondes. A Velha Esperança, que na época ainda não era tão velha assim, gritava, implorava, *faça alguma coisa, patrão! Os bichos estão a sofrer*, e lembro-me do meu pai a armar a caçadeira, enquanto ela me arrastava para o quarto para que não assistisse àquilo. Abraçava-me à Esperança, afundava o rosto nas mamas dela, mas não adiantava muito. Agora mesmo fecho os

olhos, e vejo. Oiço tudo – acreditas? Ainda hoje choro a morte dos meus cães. Nem devia dizer isto, não sei se me compreenderás, mas choro mais pelos meus cães do que pelo meu pobre pai. Acordávamos, sacudíamos os cabelos, sacudíamos os lençóis, e os bissondes caíam já mortos, ou quase mortos, mas ainda mordendo à toa, mastigando o ar com as grossas pinças de ferro. Felizmente chovia. A chuva avançava através do céu iluminado e nós corríamos aos saltos diante daquela água grossa, muito limpa, bebendo o perfume da terra molhada. Com as primeiras chuvas vinham também os salalés. Volteavam a noite inteira em redor das lâmpadas como uma bruma, num zumbido doce, até perderem as asas, e pela manhã os passeios acordavam cobertos por um leve tapete transparente. Salalés e borboletas sempre me pareceram seres sem maldade. Antigamente todos os contos para crianças terminavam com a mesma frase, *e foram felizes para sempre*, isto depois do Príncipe casar com a Princesa e de terem muitos filhos. Na vida, é claro, nenhum enredo remata assim. As Princesas casam com os guarda-costas, casam com os trapezistas, a vida continua, e os dois são infelizes até que se separam. Anos mais tarde, como todos nós, morrem. Só somos felizes, verdadeiramente felizes, quando é para sempre, mas só as crianças habitam esse tempo no qual todas as coisas duram para sempre. Eu fui feliz para sempre na minha infância, lá na Gabela, durante as férias grandes, enquanto tentava construir uma cabana nos troncos de uma acácia. Fui feliz para sempre nas margens de um riacho, uma corrente de água tão humilde que dispensava o luxo de um nome, embora orgulhoso o suficiente para que o achássemos mais do que simples riacho – era o Rio. Corria entre lavras de milho e mandioca, e íamos para lá caçar girinos, passear improvisados barcos a vapor, e também, à tardinha, espreitar as lavadeiras a tomar banho. Fui feliz com o meu cão, o Cabiri, fomos os dois felizes para sempre, perseguindo rolas e coelhos através das tardes longas, jogando às escondidas em meio ao capim alto. Fui feliz no convés do Príncipe Perfeito, numa viagem eterna entre Luanda e Lisboa, lançando ao mar garrafas com mensagens ingênuas. *A quem encontrar esta garrafa agradeço que me escreva.* Nunca ninguém me escreveu. Nas aulas de catequese

um velho padre de voz sumida e olhar cansado, tentou, sem convicção, explicar-me em que consistia a Eternidade. Eu achava que era um outro nome para as férias grandes. O padre falava em anjos e eu via galinhas. Até hoje, aliás, as galinhas são o que conheço mais aparentado aos anjos. Ele falava-nos na bem-aventurança e eu via as galinhas ciscando ao sol, escavando ninhos na areia, revirando os pequenos olhos de vidro, num puro êxtase místico. Não consigo imaginar o Paraíso sem galinhas. Nem sequer consigo imaginar o Bom Deus, estendido preguiçosamente numa fofa cama de nuvens, sem que o rodeie uma mansa legião de galinhas. Aliás, nunca conheci uma galinha má – você conheceu? As galinhas, como os salalés, como as borboletas, são imunes ao mal.

A chuva redobra de intensidade. É raro chover assim em Luanda. Félix Ventura limpa o rosto a um lenço. Ele ainda usa lenços de algodão, enormes, em padrões clássicos, com o nome bordado a um canto. Invejo a infância dele. Pode ser falsa. Ainda assim a invejo.

(entre a vida e os livros)

Em criança, ainda antes de aprender a ler, passava horas na biblioteca da nossa casa, sentado no chão, a folhear grossas enciclopédias ilustradas, enquanto o meu pai compunha versos árdus, que depois, muito sensatamente, destruía. Mais tarde, já na escola, refugiava-me nas bibliotecas para fugir às brincadeiras, sempre brutais, com que os rapazes da minha idade se entretinham. Fui um menino tímido, franzino, alvo fácil da chacota dos outros. Cresci – cresci até um pouco mais do que é comum –, ganhei corpo, mas continuei retraído, avesso a aventuras. Trabalhei durante alguns anos como bibliotecário e creio que fui feliz nessa época. Tenho sido feliz depois disso, inclusive agora, neste pequeno corpo a que fui condenado, enquanto acompanho, num ou noutro romance medíocre, a felicidade alheia. Na grande literatura são raros os amores felizes. E sim, ainda agora leio. Percorro as lombadas ao entardecer. Entretenho-me, à noite, com os livros que Félix deixa abertos, esquecidos, sobre a mesa de cabeceira. Sinto a falta, nem eu sei bem porquê, d' *As Mil e Uma Noites*, na versão inglesa de Richard Burton. Devia ter oito ou nove anos quando a li pela primeira vez, às escondidas do meu pai, porque na época era ainda uma obra obscena. Não posso regressar às *As Mil e Uma Noites* mas em contrapartida venho descobrindo novos escritores. Agrada-me, por exemplo, Coetzee, o bóer, pela aspereza e a precisão, o desespero sem indulgência. Surpreendeu-me saber que os suecos distinguiram uma obra tão boa.

Lembro-me de um quintal estreito, de um poço, de uma tartaruga dormindo na lama. Ia um bulício de gente para além das grades. Recordo ainda as casas, baixas, afundadas na luz fina (como areia) do crepúsculo. A minha mãe estava sempre ao meu lado, uma mulher frágil e feroz, ensinando-me a recear o mundo e os seus perigos inumeráveis.

– A realidade é dolorosa e imperfeita –, dizia-me: – é essa a sua natureza e por isso a distinguimos dos sonhos. Quando algo nos parece muito belo pensamos que só pode ser um sonho e então beliscamo-nos para termos a certeza de que não estamos a sonhar – se doer é porque não estamos a sonhar. A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho. Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo o que realmente existe. Entre a vida e os livros, meu filho, escolhe os livros.

A minha mãe! A partir de agora direi apenas, A Mãe.

Imaginem um rapaz correndo de moto numa estrada secundária. O vento bate-lhe no rosto. O rapaz fecha os olhos e abre os braços, como nos filmes, sentindo-se vivo e em plena comunhão com o universo. Não vê o caminhão irromper do cruzamento. Morre feliz. A felicidade é quase sempre uma irresponsabilidade. Somos felizes durante os breves instantes em que fechamos os olhos.

(o mundo pequeno)

José Buchmann distribuiu as fotografias sobre a grande mesa da sala, cópias em formato A4, papel mate, a preto e branco. Em quase todas aparece o mesmo homem, um velho alto, esguio, com uma cabeleira muito branca que lhe cai pelo peito, em grossas tranças, e se perde depois por entre os ásperos fios da barba. Assim como aparece nas fotografias, vestido com uma camisa escura, em farrapos, na qual ainda se distingue, sobre o peito, uma foice e um martelo, e todavia de cabeça erguida, olhos acesos de cólera, lembra um príncipe antigo caído em desgraça.

– Segui-o por toda a parte, ao longo das últimas semanas, de manhã à noite. Quer ver? Vou mostrar-lhe a cidade na perspectiva de um cão danado.

a) O velho, de costas, avança ao longo das ruas esventradas.

b) Prédios em ruínas, com as paredes picadas pelas balas, os magros ossos expostos. Um cartaz, numa das paredes, anuncia um concerto de Júlio Iglésias.

c) Meninos jogam à bola cercados por prédios altos. São muito magros, quase diáfanos. Estão imersos, suspensos na poeira, como bailarinos num palco. O velho observa-os sentado numa pedra. Sorri.

d) O velho dorme à sombra da carcaça, comida pela ferrugem, de um tanque de guerra.

e) O velho urina contra a estátua do Presidente.

f) O velho é engolido pelo chão.

g) O velho emerge da sarjeta, como um Deus Insubmisso, a revolta cabeleira iluminada pela luz macia da manhã.

– Vendi esta reportagem a uma revista americana. Parto amanhã para Nova Iorque. Ficarei por lá uma ou duas semanas. Talvez mais. E sabe o que tenciono fazer?

Félix Ventura não esperou a resposta. Sacudiu a cabeça:

– Isso é absurdo! Você tem noção de que isso é absurdo, não tem?

José Buchmann riu-se. Uma gargalhada serena. Talvez estivesse a brincar:

– Há muito tempo, em Berlim, surpreendeu-me o telefonema de um amigo, um companheiro de infância, lá da minha querida Chibia. Disse-me que saíra há dois dias do Lubango, que fora de moto até Luanda, e de Luanda voara até Lisboa, e de Lisboa embarcara para Alemanha, decidido a fugir à guerra. Devia ter um primo à espera dele mas não estava ninguém, e então decidiu procurar a casa do primo, saiu do aeroporto e perdeu-se. Estava aflito. Não falava uma palavra de inglês, tão pouco de alemão, e nunca antes estivera numa grande cidade. Procurei acalmá-lo. *Estás a telefonar de onde?*, – perguntei-lhe – *de uma cabina*, – respondeu-me. – *Encontrei o teu número de telefone na minha agenda e resolvi ligar – fizeste bem*, – concordei. – *Não saias daí. Diz-me apenas o que vês à tua volta, diz-me se vês alguma coisa que te pareça estranha, que chame a atenção, para que eu me possa orientar – uma coisa estranha? Bem, do outro lado da rua tem uma máquina com uma luz que se acende e apaga e vai mudando de cor, verde, vermelho, verde, com a figura de um homenzinho a caminhar.*"

Contou a anedota imitando a voz do amigo, o largo sotaque, a angústia do infeliz agarrado ao telefone. Riu-se de novo, agora às gargalhadas, até lhe saltarem as lágrimas dos olhos. Pediu a Félix um copo de água. Foi-se acalmando enquanto bebia:

– Sim, mais-velho, eu sei que Nova Iorque é uma cidade muito grande. Mas se fui capaz de encontrar um semáforo em Berlim, e uma cabina telefônica, diante dele, com um acorrentado... é este o nome que se dá aos naturais da Chibia, sabia disso?... se fui capaz de encontrar uma cabina telefónica, em Berlim, com um acorrentado lá dentro, à minha espera, também devo ser capaz de encontrar em Nova Iorque uma decoradora chamada Eva Miller – a minha mãe, meu Deus!, a minha mãe! Em quinze dias, tenho a certeza, dou com ela.



“Meu bom amigo,

espero que esta carta o encontre de excelente saúde. Bem sei que não é exactamente uma carta isto que lhe escrevo agora, mas uma mensagem electrónica. Já ninguém escreve cartas. Eu, sou-lhe sincero, sinto saudades do tempo em que as pessoas se correspondiam, trocando cartas, cartas autênticas, em bom papel, ao qual era possível acrescentar uma gota de perfume, ou juntar flores secas, penas coloridas, uma madeixa de cabelo. Sofro uma nostalgia miúda desse tempo em que o carteiro nos trazia as cartas a casa, e da alegria, do susto também, com que as recebíamos, com que as abríamos, com que as líamos, e do cuidado com que, ao responder, escolhíamos as palavras, medindo-lhes o peso, avaliando a luz e o lume que ia nelas, sentindo-lhes a fragrância, porque sabíamos que seriam depois sopesadas, estudadas, cheiradas, saboreadas, e que algumas conseguiriam, eventualmente, escapar à voragem do tempo, para serem relidas muitos anos depois. Não suporto a grosseira informalidade das mensagens electrónicas. Enfrento sempre com horror, um horror físico, um horror metafísico e moral, aquele "Oi!" que nos foi imposto a partir do Brasil – como é possível levar a sério alguém que se nos dirige assim? Os viajantes europeus que ao longo do século XIX atravessaram os sertões de África referiam-se frequentemente, em tom de troça, aos intrincados cumprimentos trocados pelos guias nativos quando, no decurso das suas longas jornadas, se cruzavam, nalguma sombra propícia, com parentes ou conhecidos. O branco assistia, impaciente, até que, transcorridos muitos e demorados minutos de risos, interjeições e bater de palmas, interrompia o guia:

– E então, o que disseram os homens – viram Livingstone?

– Não disseram nada, não, meu chefe –, explicava o outro: – só cumprimentaram.

Eu espero de uma carta um tempo idêntico. Façamos então de conta que isto é uma carta e que o carteiro a depositou agora mesmo nas suas mãos. Há-de cheirar, talvez, ao medo que por estes dias as pessoas transpiram, respiram, nesta imensa maçã apodrecida. O céu é baixo e escuro. Faço votos, a propósito, para que flutuem sobre Luanda nuvens idênticas, um cacimbo perpétuo, como convém à sua pele sensível, e que os negócios continuem de

vento em popa. Acredito que sim, tão carentes de um bom passado andamos nós todos, e em particular aqueles que por essa triste pátria nos desgovernam, governando-se.

Penso na bela Ângela Lúcia (eu acho-a bela) enquanto venço sem muito alento o tumulto ansioso destas ruas. Talvez ela tenha razão e o importante seja dar testemunho não das trevas, como eu tenho feito, e sim da luz. Se estiver com a nossa amiga diga-lhe que, pelo menos, consegui semear na minha alma alguma dúvida, e que tenho erguido os olhos aos céus, nestes últimos dias, mais do que fiz em toda a minha vida. Erguendo os olhos não vemos a lama, não vemos os pequenos seres que combatem no meio da lama. O que lhe parece, meu caro Félix, é mais importante dar testemunho da beleza ou denunciar o horror?

Talvez o aborreça a minha imprudente filosofia. Imagino que, se me leu até aqui, deve estar já a sentir-se na pele daqueles exploradores europeus a que me referi atrás:

– Afinal, o que quer este homem – encontrou ou não Livingstone?

Não encontrei. Comecei por consultar as listas telefônicas e descobri seis Miller, que também se chamavam Eva, mas nenhuma havia estado em Angola. Decidi depois colocar um anúncio em português em cinco jornais de grande circulação. Não obtive resposta alguma. E então, sim, achei-lhe o rasto. Não sei se conhece a Teoria do Mundo Pequeno, também chamada dos Seis Graus de Separação. Em mil novecentos e sessenta e sete um sociólogo americano, Stanley Milgram, da Universidade de Harvard, propôs um curioso desafio a trezentas pessoas, residentes nos estados do Kansas e Nebraska. Esperava-se que estas pessoas conseguissem, recorrendo unicamente a informações de amigos e conhecidos, obtidas através de cartas (isto passou-se no tempo em que ainda se trocavam cartas) contactar dois sujeitos, em Boston, dos quais só sabiam o nome e a profissão. Sessenta pessoas aceitaram participar no projecto. Três tiveram êxito. Ao analisar os resultados, Milgram percebeu que, em média, havia somente seis contactos entre o remetente e o destinatário. Se a tese estiver correcta encontro-me apenas, neste momento, à distância de duas pessoas da minha mãe. Trago sempre comigo um recorte da *Vogue*, edição americana,

aquele que você me entregou, com a reprodução de uma aguarela de Eva Miller. A reportagem está assinada por uma jornalista chamada Maria Duncan. Deixou a revista há muitos anos mas o chefe de redacção ainda se recorda dela. Depois de muito procurar conseguiu descobrir um número de telefone, em Miami, onde Maria residia quando ainda trabalhava para a *Vogue*. Atendeu-me, desse número, um sobrinho dela. Disse-me que a tia já não vivia ali. Regressara, depois da morte do marido, à sua cidade natal, Nova Iorque. Passou-me o endereço. Fica, veja a ironia!, a um quarteirão do hotel onde me alojei. Fui visitá-la ontem. Maria Duncan é uma velha senhora de gestos descarnados, cabelo roxo, voz forte e segura, que parece roubada a alguém muito mais jovem. Presumo que lhe pese a solidão, esse mal dos velhos, tão comum nas grandes cidades. Recebeu-me com interesse, e ao saber o motivo da minha visita animou-se ainda mais. Um filho à procura da mãe comove qualquer coração feminino. “Eva Miller?”, não, o nome não lhe dizia nada. Mostrei-lhe o recorte da *Vogue* e ela foi buscar uma caixa com fotografias antigas, revistas, cassetes, e ficamos os dois a vasculhar aquilo, durante horas, como duas crianças no sótão dos avós. Valeu a pena. Encontramos uma fotografia dela com a minha mãe. Mais importante do que isso – encontrámos uma carta que Eva lhe escreveu, a agradecer o envio da revista. No envelope há um endereço da Cidade do Cabo. Imagino que Eva tenha vivido no Cabo antes de se fixar em Nova Iorque. Receio, porém, que para a encontrar aqui, ou onde quer que esteja agora, precise de refazer todo o seu atormentado percurso. Voo para Joanesburgo amanhã, de regresso a Luanda; é um pequeno passo de Joanesburgo ao Cabo. Pode ser um passo importante na minha vida. Deseje-me sorte, e aceite um abraço do amigo sincero,

José Buchmann.”

(o lacrau)

Durmo, por hábito, por imposição genética, porque a luminosidade me incomoda, o dia inteiro. Às vezes, porém, alguma coisa me desperta, um ruído, um raio de sol, e sou forçado a atravessar o desconforto do dia, correndo pelas paredes, até encontrar uma fenda mais profunda, algum interstício úmido e fundo onde, de novo, possa repousar. Não sei porque acordei esta manhã. Creio que sonhava com algo severo (não me recordo de rostos, só de sentimentos). Talvez tenha sonhado com o meu pai. No instante em que abri os olhos vi o lacrau. Estava a poucos centímetros de mim. Imóvel. Fechado numa couraça de ódio como um guerreiro medieval na sua armadura. Então caiu sobre mim. Saltei para trás e subi pela parede, num relâmpago, até alcançar o tecto. Ouvi nitidamente, continuo a ouvir, a pancada seca do ferrão a bater contra o soalho.

Recordo-me de uma frase dita pelo meu pai numa noite em que festejava – com falsa alegria, quero crer – a morte de um desafecto:

“Era mau e ignorava-o. Nem sabia o que era a maldade. Ou seja: era absolutamente mau.”

Foi o que senti no exacto instante em que abri os olhos e vi o lacrau.

(o Ministro)

Depois do episódio com o lacrau já não consegui voltar a adormecer. Pude assim assistir à entrada do Ministro. Um homem baixo, gordo, pouco à vontade dentro do próprio corpo. Dir-se-ia que foi rebaixado momentos antes e ainda não se habituou à nova estatura. Vestia um fato escuro, às listras brancas, que lhe caía mal e o atormentava. Deixou-se cair com um suspiro de alívio no cadeirão de verga, sacudiu com os dedos o denso suor do rosto, e antes que Félix lhe oferecesse algo para beber, gritou para a Velha Esperança:

– Uma cerveja, dona! Bem gelada!

O meu amigo ergueu o sobrolho mas conteve-se. A Velha Esperança trouxe a cerveja. O sol, lá fora, derretia o asfalto.

– Você não tem ar condicionado?!

Disse isto com horror. Bebeu a cerveja em grandes goles, sofregamente, e pediu outra. Félix sugeriu que ficasse à vontade, não queria tirar o casaco? O Ministro aceitou. Em mangas de camisa parecia ainda mais gordo, mais baixo, como se Deus se tivesse sentado, por descuido, na cabeça dele.

– Tens alguma coisa contra o ar-condicionado? – riu-se – Ofende os teus princípios?...

A súbita camaradagem irritou ainda mais o meu amigo. Tossiu, como se lardasse, e foi procurar a pasta que havia preparado. Abriu-a sobre a pequena mesa de mogno, devagar, teatralmente, num ritual a que já assisti por diversas vezes. Resulta sempre. O Ministro suspendeu a respiração, ansioso, enquanto o meu amigo lhe declamava a genealogia:

– Este é o seu avô paterno, Alexandre Torres dos Santos Correia de Sá e Benevides, descendente em linha directa de Salvador Correia de Sá e Benevides, ilustre carioca que em 1648 libertou Luanda do domínio holandês...

– Salvador Correia?! O gajo que deu o nome ao liceu?

– Esse mesmo.

– Julguei que era um tuga. Algum político lá da metrópole, ou um colono qualquer, por que mudaram então o nome do liceu para Mutu Ya Kevela?

– Porque queriam um herói angolano, suponho, naquela época precisávamos de heróis como de pão para a boca. Se quiser ainda lhe posso arranjar outro avô. Consigo documentos provando que você descende do próprio Mutu ya Kevela, de N'Gola Quiluanje, até mesmo da Rainha Ginga. Prefere?

– Não, não, fico com o brasileiro. O gajo era rico?

– Muito rico. Era primo de Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro, que teve um triste destino, coitado, os índios tamoios, acertaram-lhe com uma flecha envenenada em pleno rosto. Mas, enfim, o que lhe interessa saber é que durante os anos em que permaneceu aqui, governando esta nossa cidade, Salvador Correia conheceu uma senhora angolense, Estefânia, filha de um dos mais prósperos escravocratas daquela época, Filipe Pereira Torres dos Santos, apaixonou-se por ela, e desse amor... um amor ilícito desde já esclareço, pois o governador era um homem casado..., desse amor nasceram três rapazes. Tenho aqui a árvore genealógica, veja, é um objecto de arte.

O Ministro estava assombrado:

– Maravilha!

Estava indignado:

– Porra! Quem teve a estúpida ideia de mudar o nome do liceu?! Um homem que expulsou os colonialistas holandeses, um combatente internacionalista de um país irmão, um afro-ascendente, que deu origem a uma das mais importantes famílias deste país, a minha. Não, cota, isso não fica assim. Há que repor a justiça. Quero que o liceu volte a chamar-se Salvador Correia e lutarei por isso com todas as minhas forças. Vou mandar fazer uma estátua do meu avô para colocar à entrada do edifício. Uma estátua bem grande, em bronze, sobre um bloco de mármore branco. Achas bem – o mármore? Salvador Correia, a cavalo, pisando com desprezo os colonos holandeses. A espada é importante. Vou comprar uma espada autêntica, ele usava espada não usava?, sim uma espada de

verdade, maior do que a do Afonso Henriques. E tu vais escrever um texto para a lápide. Alguma coisa do gênero, *a Salvador Correia, libertador de Angola, com a gratidão da Pátria e das Padarias União Marimba*, assim ou assado, tanto faz, mas com respeito, caramba, com respeito! Vai pensando nisso e depois diz-me alguma coisa. Olha, trouxe-te ovos moles de Aveiro, gostas de ovos moles?, são os melhores ovos moles de Aveiro, para o caso *made in* Cacuaco, de toda a África e arredores, aliás de todo o mundo, melhores até do que os legítimos. Feitos pelo meu mestre pasteleiro, que é de Ílhavo, conheces Ílhavo?, pois devias conhecer, vocês passam dois dias em Lisboa e julgam que conhecem Portugal, mas prova, prova, e logo me dizes se tenho ou não tenho razão. Então sou descendente de Salvador Correia, caramba!, e só agora sei disso. Muito bem. A minha senhora vai ficar feliz.

(um fruto dos anos difíceis)

Ângela Lúcia chegou escassos minutos depois do Ministro se despedir. O calor não parece exercer sobre ela o mínimo dano. Entrou lavada e composta, as tranças esparzindo luz, um fresco brilho de romã na pele bronzeada. Enfim, uma festa:

– Incomodo?

Não havia na pergunta, no sorriso com que a acompanhou, nenhum sinal de que a incomodasse incomodar. Dir-se-ia antes um desafio. O meu amigo beijou-a na face, a medo. Um único beijo.

– Nunca incomodas...

A mulher abraçou-o.

– És tão querido!

Mais tarde, já noite fechada, Félix desabafou:

– Um destes dias perco a cabeça e beijo-a na boca.

Queria prender-lhe os braços e encostá-la a uma parede, como se ela fosse uma das meninas que vez por outra traz aqui para casa. Seria difícil. A fragilidade de Ângela Lúcia é – ia jurar – puro ardil. Esta tarde trocou de papéis, passando de pomba a serpente, num abrir e fechar de olhos:

– O teu avô, aquele ali, o do retrato, é muito parecido com o Frederick Douglass.

Félix olhou-a derrotado:

– Ah, reconheceste-o? O que queres?, chama-se a isto deformação profissional. Crio enredos por ofício. Efabulo tanto, ao longo do dia, e com tal entusiasmo, que por vezes chego à noite perdido no labirinto das minhas próprias fantasias. Sim, é Frederick Douglass, comprei esse retrato numa feira de rua, em Nova Iorque. Mas quem trouxe para aqui o cadeirão onde agora estás sentada foi de facto um dos meus bisavôs, ou melhor, o avô do meu pai adoptivo. Excluindo o retrato, a história que te contei é autêntica. Enfim, pelo menos tanto quanto me recorde. Sei que tenho por

vezes recordações falsas – todos temos, não é assim?, os psicólogos estudaram isso – mas penso que essa é verídica.

– Acredito. Em contrapartida o teu amigo, o senhor José Buchmann, esse é completamente falso, certo?, inventaste-o tu...

Félix negou com veemência. Que não, pópilas!, que se fosse outra pessoa a dizer-lhe aquilo ele até poderia ficar ofendido, mesmo muito ofendido, embora, pensando melhor, tal presunção devesse ser tomada por um elogio, pois só a própria realidade seria capaz de inventar uma figura tão inverossímil quanto José Buchmann:

– Eu, sempre que ouço falar em algo realmente impossível acredito logo. José Buchmann é impossível, não achas?, achamos os dois, então deve ser autêntico.

Ângela Lúcia aprecia os paradoxos. Riu-se. Félix aproveitou para escapar:

– Por falar em histórias de famílias, sabes que nunca me falaste da tua? Não sei quase nada acerca de ti...

Ela encolheu os ombros. Seria possível resumir toda a sua biografia, disse, em apenas cinco linhas. Nasceu em Luanda. Cresceu em Luanda. Um dia decidiu sair do país e viajar. Viajou muito, sempre fotografando, e finalmente regressou. Gostaria de continuar a viajar e a fotografar. Era o que sabia fazer. Não havia na sua vida nada de interessante excepto as vidas interessantes de duas ou três pessoas que encontrara no caminho. Félix insistiu. Era filha única, ela, ou, pelo contrário, crescera cercada de irmãos? E os pais, o que faziam? Ângela teve um gesto de enfado. Levantou-se. Voltou a sentar-se. Fora filha única durante quatro anos. Depois vieram duas irmãs e um irmão. O pai era arquitecto, a mãe aeromoça. O pai não era alcoólico, nem sequer bebia álcool, e não, jamais a molestara sexualmente. Os pais amavam-se; todos os domingos ele oferecia flores à mulher; todos os domingos ela retribuía as flores com um poema. Mesmo nos anos mais difíceis – ela nascera em setenta e sete, era um fruto dos anos difíceis –, nunca lhes faltara nada. Vivera uma infância simples e feliz. Ou seja, a vida dela não daria um romance, muito menos um romance moderno. Não é possível escrever um romance, nos dias que correm, nem sequer um conto, no qual a principal personagem

feminina não tenha sido violada por um pai alcoólico. O seu único talento em criança, continuou, era desenhar arco-íris. Passou a infância a desenhar arco-íris. Um dia, quando fez doze anos, o pai ofereceu-lhe uma máquina fotográfica, um aparelho rudimentar, em plástico e ela deixou de desenhar arco-íris. Passou a fotografar arco-íris. Suspirou:

– Até hoje.

Félix conheceu Ângela Lúcia na inauguração de uma mostra de pintura. Creio – mas isto é mera suposição – que se apaixonou por ela assim que trocaram as primeiras palavras, porque a vida inteira o preparara para se entregar à primeira mulher que, vendo-o, não recuasse horrorizada. Quando digo recuar, entendam-me, não é, para ser tomado de forma literal. Ao serem apresentadas a Félix Ventura há mulheres que recuam realmente, dão um curto passo atrás, ao mesmo tempo que lhe estendem a mão. A maior parte, porém, recua em espírito, isto é, estendem-lhe a mão (ou o rosto), dizem, “muito prazer”, e a seguir desviam os olhos e lançam algum comentário frouxo sobre o estado do tempo. Ângela Lúcia estendeu-lhe o rosto, ele beijou-a, ela beijou-o, e depois disse:

– É a primeira vez que beijo um albino.

Quando Félix lhe explicou em que se ocupava – “Sou genealogista” –, que é o que ele diz sempre que se apresenta a estranhos, logo ela se interessou:

– A sério?! É o primeiro genealogista que eu conheço.

Saíram juntos da exposição e foram continuar a conversa no terraço de um bar, sob as estrelas, defronte às águas negras da baía. Nessa noite, contou-me Félix, só ele falou. Ângela Lúcia possui um talento raro: é capaz de manter acesa uma conversa sem quase participar nela. Depois o meu amigo regressou a casa e disse-me:

– Conheci uma mulher extraordinária. Ah meu caro, faltam-me as palavras certas para a definir – tudo nela é luz!

Achei um exagero. Onde há luz, há sombras.

(sonho n.º 5)

José Buchmann sorria. Um leve sorriso de troça. Estávamos no vagão luxuoso de um velho comboio a vapor. Uma tela, pendurada numa das paredes, iluminava o ar com uma vaga luz cor de cobre. Reparei num tabuleiro de xadrez, em pau preto e marfim, colocado numa pequena mesa, entre mim e ele. Não me recordava de ter movido as peças mas o jogo ia adiantado. O fotógrafo estava em clara vantagem.

– Finalmente. – Disse, – há vários dias que sonhava com isto. Queria vê-lo. Queria saber como era você.

– Acha então que esta conversa é real?

– A conversa, certamente, as circunstâncias é que carecem de substância. Há verdade, ainda que não haja verossimilhança, em tudo o que um homem sonha. Uma goiabeira em flor, por exemplo, perdida algures entre as páginas de um bom romance, pode alegrar com o seu perfume fictício vários salões concretos.

Fui forçado a concordar. Às vezes, por exemplo, sonho que voou. Ora, nunca voei com tanta verdade, inclusive com tanta autoridade, quanto nos meus sonhos. Voar de avião, na época em que eu voava de avião, não me transmitia um idêntico sentimento de liberdade. Tenho chorado a morte da minha avó, em sonhos, mais e melhor do que a chorei desperto. Chorei, aliás, lágrimas mais autênticas pela morte de alguns personagens literários do que pelo desaparecimento de muitos amigos e parentes. O que me parecia menos real ali era a tela na parede, atrás de José Buchmann, uma composição melancólica, não pelo tema, pois não era possível adivinhar qual fosse o tema, o que talvez seja a maior virtude da arte moderna, e sim pelo lume das cores. A tarde entrava (rápida) pelas janelas. Víamos correr as praias, os coqueiros carregados de cocos, a larga cabeleira despenteada das casuarinas. Víamos ainda o mar, muito ao fundo, a arder num imenso incêndio azul anil. O comboio abrandou numa subida. Arfava, asmático, velho monstro mecânico, quase sem

fôlego. José Buchmann avançou a rainha, ameaçando-me o cavalo do rei. Ofereci-lhe um peão. Ele olhou-o distraído:

– A verdade é improvável.

Sorriu num relâmpago:

– A mentira –, explicou, – está por toda a parte. A própria natureza mente. O que é a camuflagem, por exemplo, senão uma mentira? O camaleão disfarça-se de folha para iludir a pobre borboleta. Mente-lhe dizendo, *fica tranquila, minha querida, não vês que sou apenas uma folha muito verde ondulando ao vento?* – e depois atira-lhe a língua, a uma velocidade de seiscentos e vinte e cinco centímetros por segundo, e come-a.

Comeu o peão. Fiquei em silêncio, atordoado pela revelação e pelo distante fulgor do mar. Só me lembrei de uma frase alheia:

– Abomino a mentira porque é uma inexactidão.

José Buchmann reconheceu as palavras. Considerou-as um instante, medindo-lhes a solidez e a mecânica; a eficácia:

– Também a verdade costuma ser ambígua. Se fosse exacta não seria humana. – Ganhava animação à medida que falava: – Você citou Ricardo Reis. Dê-me licença para citar Montaigne – *nada parece verdadeiro que não possa parecer falso*. Existem dezenas de profissões nas quais saber mentir é uma virtude. Estou a pensar nos diplomatas, nos estadistas, nos advogados, nos actores, nos escritores, nos jogadores de xadrez. Estou a pensar no nosso comum amigo, Félix Ventura, sem o qual nós não nos teríamos conhecido. Indique-me agora uma profissão, uma única, que não se socorra nunca da mentira, e na qual um homem que apenas diga a verdade seja efectivamente apreciado?

Senti-me encurralado. Ele moveu um dos bispos. Respondi avançando um cavalo. Aqui há dias vi na televisão um jogador de basquetebol, um tipo ingênuo, a queixar-se dos jornalistas:

– Às vezes eles escrevem aquilo que eu disse, e não aquilo que eu queria dizer.

Contei-lhe isto e ele riu-se com gosto. Já o achava menos antipático. O comboio apitou longamente. Um uivo atônito, que se desenrolou sem pressa, como uma fita vermelha, sobre a clara orla do mar. Um grupo de pescadores, na praia, acenou para o comboio.

José Buchmann respondeu ao aceno com um gesto largo. Minutos antes, durante uma breve paragem, debruçara-se sobre a janela para comprar mangas. Ouvi-o discutir com as quitandeiras num idioma hermético, cantado, que parecia composto apenas por vogais. Disse-me que falava inglês, nos seus vários sotaques; falava também diversos dialectos alemães, o francês (de Paris) e o italiano. Garantiu-me que era capaz de discorrer com idêntica desenvoltura em árabe ou em romeno.

– Falo inclusive o blaterar –, ironizou: – a linguagem secreta dos camelos. Falo o arruar, como um javali nato. Falo o zunzum, o grilar e olhe, acredite, até o crocitar. Num jardim deserto seria capaz de discutir filosofia com as magnólias.

Descascou uma das mangas com um canivete suíço, cortou-a em dois pedaços e ofereceu-me o maior. Comeu o dele. Contou que numa pequena ilha do Pacífico, onde vivera alguns meses, a mentira era considerada o mais sólido pilar da sociedade. O Ministério da Informação, instituição venerada, quase sagrada, estava encarregue de criar e propagar notícias falsas. Uma vez à solta entre as multidões, essas notícias cresciam, adquiriam formas novas, eventualmente contraditórias, gerando amplos movimentos populares e dinamizando a sociedade. Imaginemos que o desemprego atingia níveis considerados perigosos. O Ministério da Informação, ou, simplesmente O Ministério, punha a circular notícias segundo as quais fora encontrado petróleo em águas profundas, porém ainda dentro da zona marítima exclusiva do país. A possibilidade de uma eminente explosão econômica revitalizava o comércio, os técnicos expatriados regressavam a casa, desejosos de colaborar na reconstrução, e em poucos meses nasciam novas empresas e novos empregos. Nem sempre, é claro, as coisas corriam da maneira prevista pelos técnicos. Certa ocasião, por exemplo, O Ministério, que, a despeito do nome, foi sempre uma estrutura independente do poder político, lançou sobre um opositor, na intenção de lhe destruir a carreira, a suspeita de que este mantinha um caso extraconjugal com uma famosa cantora inglesa. O boato cresceu e ganhou força, de tal forma que o opositor se divorciou da esposa, casou com a cantora (que antes nem sequer

conhecia), e com isso alcançou enorme popularidade, vindo a ser eleito, anos depois, presidente do país.

– A impossibilidade de controlar os rumores –, concluiu, – é a principal virtude daquele sistema. É isso que confere ao Ministério uma natureza quase divina – xeque ao Rei!

Compreendi que perdera o jogo. Decidi arriscar e ofereci-lhe a rainha.

– Félix Ventura diz que acredita em tudo quanto parece impossível – e que é por isso que acredita em si...

– Ele diz isso?

– Diz. Eu não acredito. Nem em si nem em Ângela Lúcia. Sempre que dois ou mais acontecimentos tropeçam uns nos outros e nós não sabemos porquê, dizemos que foi o acaso, coincidências. A isso que chamamos acaso devíamos talvez chamar ignorância. Não o surpreende o facto de que dois fotógrafos, um homem e uma mulher, com uma longa experiência de exílio em comum, regressem ao país precisamente na mesma altura?

– A mim não, afinal de contas sou um desses fotógrafos. Mas acho natural que a si o surpreenda. As coincidências, meu amigo, produzem assombro da mesma forma, e com a mesma distração, com que as árvores produzem sombra – xeque-mate.

Derrubei o meu rei (o rei branco), e despertei.

(personagens reais)

O Ministro está a escrever um livro, *A Vida Verdadeira de Um Combatente*, denso volume de memórias, que pretende lançar antes do Natal. Para ser mais preciso, a mão com que escreve é alugada – chama-se Félix Ventura. O meu amigo dedica uma boa parte do dia, e até da noite, a esse trabalho. Logo que conclui cada capítulo lê-o ao futuro autor, discutem este ou aquele pormenor, ele toma nota dos reparos, corrige o que houver para corrigir, e assim avançam. Félix costura a realidade com a ficção, habilmente, minuciosamente, de forma a respeitar datas e factos históricos. O Ministro dialoga no livro com personagens reais (em alguns casos com Personagens Reais) e convém que tais personagens, amanhã, acreditem que trocaram com ele, realmente, confidências e pontos de vista. A nossa memória alimenta-se, em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias – inclusive as fictícias.

– É como o Castelo de São Jorge, em Lisboa, conheces? Tem ameias, mas as ameias são falsas. António de Oliveira Salazar ordenou que acrescentassem as ameias ao castelo para que este ficasse mais verídico. Um castelo sem ameias parecia-lhe um erro, eu sei lá, algo até vagamente monstruoso, como um camelo sem bossas. O que hoje há de falso no Castelo de São Jorge é que o torna verossímil. Vários octogenários lisboetas com quem conversei estão convencidos de que sempre viram ameias no castelo. Tem alguma graça isto, não achas? Se fosse autêntico ninguém acreditaria nele.

Assim que *A Vida Verdadeira de Um Combatente* for publicada, a história de Angola ganhará outra consistência, será mais História. O livro servirá de referência a futuras obras que tratem da luta de libertação nacional, dos anos conturbados que se seguiram à independência, do amplo movimento de democratização do país. Dou alguns exemplos:

1) No início dos anos setenta o Ministro era um jovem empregado dos correios em Luanda. Tocava bateria numa banda de rock, *Os Inomináveis*. Estava mais interessado em mulheres do que em política. Esta é a verdade, ou antes, a verdade prosaica. No livro, o Ministro revela que já nessa altura se dedicava à actividade política, combatendo na clandestinidade, muito na clandestinidade mesmo, o colonialismo português. Animado pelo sangue impetuoso dos seus antepassados – ele refere-se várias vezes a Salvador Correia de Sá e Benevides – criou uma célula, nos correios, de apoio aos movimentos de libertação. O grupo especializou-se em distribuir panfletos dentro da correspondência dirigida aos funcionários coloniais. Três dos seus elementos, entre os quais o Ministro, foram denunciados à polícia política portuguesa e presos no dia 20 de abril de mil novecentos e setenta e quatro. A revolução dos cravos talvez lhes tenha salvo a vida.

2) O Ministro saiu de Angola em mil novecentos e setenta e cinco, poucas semanas antes da independência, e refugiou-se em Lisboa. Continuava mais interessado em mulheres do que em política. Acossado pela fome publicou um anúncio num jornal popular: “Mestre Marimba – trata mau olhado, inveja, doenças da alma. Sucesso garantido no amor e nos negócios”. Mais do que um anúncio foi uma premonição. Enriqueceu (pura magia) em poucos meses. As mulheres apareciam às dezenas no seu consultório. A maior parte pretendia recuperar a atenção dos maridos, afastá-los das amantes, refazer um casamento falhado. Outras queriam apenas que alguém as ouvisse. Ele ouvia-as. As clientes retribuía, explicou o Ministro, consoante as respectivas posses. As remediadas ofereciam-lhe casacos de malha para enfrentar o frio do inverno, ovos frescos, compotas. As mais endinheiradas passavam-lhe para a mão cheques gordos, mandavam entregar-lhe em casa electrodomésticos, bons sapatos, roupa de marca. Uma loira belíssima, casada com um famoso jogador de futebol, ofereceu-se a ela própria, e no fim deixou-lhe as chaves do carro, com a bagageira cheia de garrafas de uísque. Após as primeiras eleições o Ministro regressou a Luanda, e com o capital acumulado durante tantos anos a consolar mulheres mal casadas, construiu uma rede de padarias –

Padarias União Marimba. Esta é a verdade que o Ministro contou a Félix. Para a História ficará a verdade que Félix fez o Ministro contar: em mil novecentos e setenta e cinco, desiludido com o rumo dos acontecimentos, e porque se recusava a participar numa guerra fratricida (“não era isso que tínhamos combinado”), o Ministro exilou-se em Portugal. Inspirado nos ensinamentos do avô paterno, um homem sábio, profundo conhecedor das ervas medicinais de Angola, fundou em Lisboa uma clínica dedicada às medicinas alternativas africanas. Regressou à pátria, em mil novecentos e noventa, finda a guerra civil, com o firme propósito de contribuir para a reconstrução do país. Queria dar ao povo o pão nosso de cada dia. E foi isso que fez.

3) O regresso do Ministro assinala também o início do seu envolvimento com a política. Começou por pagar os favores de alguns elementos das, assim chamadas, estruturas, por forma a acelerar a legalização das suas padarias, e em pouco tempo já frequentava as casas dos ministros e dos generais. Dois anos bastaram para que ele próprio fosse nomeado Secretário de Estado para a Transparência Económica e Combate à Corrupção. Em *A Vida Verdadeira de Um Combatente*, o Ministro explica como, movido unicamente por grandes e graves princípios patrióticos, aceitou esse primeiro desafio. Hoje é Ministro da Panificação e Lacticínios.

(anticlímax)

Existem pessoas que revelam, desde muito cedo, um enorme talento para a desventura. A infelicidade atinge-os como uma pedrada, dia sim, dia não, e eles recebem-na com um suspiro conformado. Outras há, pelo contrário, com uma estranha propensão para a felicidade. Estas são atraídas pelo azul, aquelas pela embriaguez dos abismos. Há pessoas destinadas a sonhar (algumas são bem pagas para isso); há pessoas nascidas para trabalhar, práticas e concretas e incansáveis, e há pessoas com jeito de rio, que vão da nascente à foz sem quase nunca abandonarem o leito. O caso de José Buchmann parece-me mais raro – é inclinado ao assombro. Gosta de espantar os outros. Gosta de ser espantado:

– Um dia alguém me disse – *não passas de um aventureiro*. Disse-me isto com desdém, como se me cuspiisse. – E, no entanto, creio que acertou. Eu procuro a aventura, ou seja, o imprevisto, tudo o que me afaste do tédio, como outros procuram o álcool ou o jogo. É um vício.

Félix Ventura olha-o com acintosa descrença. Quer fazer-lhe a pergunta óbvia – *encontrou sinais da sua mãe?* – mas também sabe que esse é o caminho da capitulação. Contou-me, na última vez que nos sonhamos, o caso de um amigo, o actor Orlando Sérgio, que costuma ser confundido na rua com o personagem que representa numa popular série televisiva. As pessoas abraçam-no, felicitam-no ou repreendem-no, aprovando ou contestando as atitudes do personagem. Poucos o conhecem pelo verdadeiro nome. Alguns aborrecem-se quando ele, para escapar aos sermões e reprimendas, invoca a condição de actor:

“O meu nome é Orlando Sérgio. O senhor está a confundir-me...”

“Não brinca assim, mais-velho, não brinca assim! Ouça só o meu conselho, tenha um pouquinho de paciência, então eu não sei quem você é?”

Félix sente que cai em idêntica armadilha. José Buchmann chegou ontem da África do Sul. Veio disfarçado de Coronel Tapioca, todo vestido de cáqui, com bermudas largas e um colete cheio de bolsos. À medida que fala vai tirando desses bolsos, com a mesma desenvoltura com que num circo um mágico caça coelhos dentro da cartola, diversos objectos:

a) Um pequeno sapo em bronze.

– Bonito – não acha? Não? Não gosta de sapos?! Bem, meu caro, eu gosto. Você sabe que em diversas culturas o sapo é um símbolo de transformação, de metamorfose espiritual, representando a passagem para um estágio superior de consciência. Isso deve-se, está-se mesmo a ver, ao complexo processo de metamorfoses sofridas pelos sapos, mas também, pelo menos entre certas populações indígenas das Américas, às propriedades alucinógenas de um veneno segregado por algumas espécies. Este aqui é um *Bufo alvarius*, um sapo do deserto de Sonora. Comprei-o num antiquário, na cidade do Cabo. Ele estava na montra e eu entrei para o comprar, porque me interessei por sapos. Se não me interessasse por sapos, se não tivesse entrado naquela loja não teria encontrado isto,

b) Uma aguarela, pouco maior do que um postal.

– São gazelas em fuga. Veja o capim em movimento, as gazelas flutuando sobre o capim, parece um bailado. Agora repare na assinatura, aqui neste canto, consegue ler? Eva Miller. E por fim repare na data – quinze de Agosto de mil novecentos e noventa. Extraordinário não é?

Percebi que Félix estava assustado. Segurou a aguarela entre os dedos, com cuidado, como se temesse que a improbabilidade do objecto pudesse comprometer a sua própria concretude.

– Isto não pode ser. – Abanou a cabeça: – Não sei o que pretende. Acho incrível que possa ter ido tão longe...

– Essa agora! Julga que a pintei eu mesmo? Não, não! Aconteceu exactamente como lhe disse. Encontrei-a à venda num antiquário, na Cidade do Cabo, escondida no meio de dezenas de ilustrações do mesmo gênero. Passei a tarde à procura de outras aguarelas assinadas por ela, mas nada, infelizmente não achei mais nenhuma. O antiquário tinha comprado o lote a um inglês que decidiu

abandonar o país pouco depois da vitória de Nelson Mandela. Perdeu-lhe o rasto.

– Então não conseguiu saber mais nada de Eva Miller?

José Buchmann não respondeu logo. De um outro bolso, no interior do colete, retirou:

c) Um estreito maço de fotografias a cores.

– Veja. Este prédio corresponde ao endereço da carta que Eva Miller enviou a Maria Duncan. Fica num bairro habitado pela média burguesia branca. Já estive na Cidade do Cabo? É um lugar estranho. Imagine um grande *shopping center*, moderno, com palmeiras altas decorando os salões. As palmeiras são belíssimas. São de plástico mas só é possível perceber isso quando tocamos nelas. A Cidade do Cabo lembra-me uma palmeira de plástico. Cidade impressionante, digo-lhe eu, muito limpa, muito arrumada. É um logro no qual apetece acreditar. Este aqui é o sujeito que hoje mora no apartamento onde viveu a minha mãe. Reparou nas cicatrizes? Nos anos oitenta vivia em Maputo. Era um figurão do Partido Comunista da África do Sul. Uma tarde entrou no carro, ligou a ignição, e bum!, tremendo estouro, perdeu um olho e as duas pernas. Achei-o simpático. É um daqueles tipos que tendo lutado a vida inteira contra o *apartheid* não se conseguiu adaptar lá muito bem ao país do arco-íris. Queixa-se de que já ninguém defende ideais, acha que o triunfo do modelo capitalista perverteu o povo, irrita-o a democracia e as suas leis liberais, mas do que ele realmente sente saudades é da juventude que perdeu, e do olho e das duas pernas. Nunca tinha ouvido falar em Eva Miller. Todavia o senhorio, nesta outra foto, um velhote bóer, quase centenário, esse sim, lembra-se perfeitamente da minha mãe.

Colocara-me exactamente sobre eles, pendurado do tecto, de cabeça para baixo, de forma que podia observar tudo em pormenor. Félix acendeu o candeeiro para estudar as fotografias. O retrato do velho bóer (a preto e branco, como aliás todas as outras imagens) era muito bom. Estava sentado num grave cadeirão em madeira escura. Uma luz oblíqua, delicada, caía-lhe sobre a metade direita do rosto, iluminando o silêncio que havia nele. No canto inferior direito distinguia-se, quase afundada na penumbra, a silhueta nervosa de

um desses cachorrinhos minúsculos que as senhoras burguesas apreciam como companhia, e que a mim sempre me irritaram, pois se assemelham mais a ratos amestrados do que a cães.

– Gosta da foto? Eu também. – José Buchmann sorriu: – Os melhores retratos não são aqueles que conseguem resumir uma personalidade, são aqueles que resumem uma época. Bem, este cota recebeu-me com alguma desconfiança, não gastou muitas palavras comigo, mas em contrapartida ofereceu-me um final para a minha peregrinação. Quer ver?

d) Um recorte do jornal *O Século*, de Joanesburgo.

– Está preparado? Acho que a isto se pode chamar um anticlímax. Você me dirá. Leia!

Félix obedeceu:

“Morreu Eva Miller – Faleceu esta tarde, na sua residência, em Sea Point, na Cidade do Cabo, a artista plástica norte-americana Eva Miller. Tendo vivido no sul de Angola, e falando perfeitamente a nossa língua, a senhora Miller era uma figura respeitada entre a comunidade portuguesa na África do Sul. Nos últimos anos dividia-se entre a Cidade do Cabo e Nova Iorque. A causa da sua morte ainda não é conhecida.”

(as vidas irrelevantes)

A memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento. Vemos crescer por sobre as acácias a luz da madrugada, as aves debicando a manhã, como a um fruto. Vemos, além, um rio sereno e o arvoredado que o abraça. Vemos o gado pastando lento, um casal que corre de mãos dadas, meninos dançando o futebol, a bola brilhando ao sol (um outro sol). Vemos os lagos plácidos onde nadam os patos, os rios de águas pesadas onde os elefantes matam a sede. São coisas que ocorrem diante dos nossos olhos, sabemos que são reais, mas estão longe, não as podemos tocar. Algumas estão já tão longe, e o comboio avança tão veloz, que não temos a certeza de que realmente aconteceram. Talvez as tenhamos sonhado. Já me falha a memória, dizemos, e foi apenas o céu que escureceu. É isso o que sinto quando penso na minha anterior encarnação. Lembro-me de factos soltos, incoerentes, fragmentos de um vasto sonho. Uma mulher numa festa, já no fim da festa, naquela vaga embriaguez de fumo, de álcool, de puro cansaço metafísico, agarrando-me por um braço, sussurrando-me ao ouvido:

– Sabe, a minha vida daria um romance, não um romance qualquer, um grande romance...

Creio que isto terá acontecido mais do que uma vez. A maioria daquelas pessoas, estou certo, nunca leu um grande romance. Sei hoje, acho que já o sabia antes, que todas as vidas são excepcionais. Fernando Pessoa transformou a biografia prosaica de um pequeno funcionário de escritório num *Livro do Desassossego* que é, talvez, a obra mais interessante da literatura portuguesa. Ao ouvir, faz dias, Ângela Lúcia confessar a irrelevância da sua vida, fiquei com vontade de a conhecer melhor. Se uma mulher me tivesse uma noite arrastado por um braço para me dizer algo semelhante, *sabe, não há na minha vida nada de notável, existo o menos possível*, talvez eu me tivesse apaixonado por ela. Ao contrário do que chegaram a insinuar alguns dos meus inimigos, apoiados,

secretamente, por vários dos meus amigos, sempre me interessei por mulheres. Gostava de mulheres. Tinha por hábito sair com uma ou outra amiga mais chegada em longos passeios a pé. Abraçava-as à despedida, e o perfume dos seus cabelos, o contacto com os seus seios duros, excitavam-me. Porém, se alguma tomava a iniciativa de me beijar, ou de me propor algo mais ousado do que um beijo, eu lembrava-me de Dagmar (Aurora, Alba ou Lúcia) e ficava em pânico. Vivi largos anos prisioneiro desse terror.

(Edmundo Barata dos Reis)

José Buchmann apareceu esta noite na companhia de um velho de longas barbas brancas, uma trunfa grisalha, que lhe caía pelos ombros em tranças selvagens. Reconheci nele, imediatamente, o mendigo que o fotógrafo perseguira, semanas a fio, mostrando-o, numa imagem extraordinária, a emergir de uma sarjeta. Um deus antigo, vingador, de cabeleira em desordem e bruscos olhos acesos.

– Quero apresentar-lhe o meu amigo Edmundo Barata dos Reis, ex-agente do Ministério da Segurança do Estado.

– Ex-gente!, diga antes, ex-gente! Ex-cidadão exemplar. Exponente dos excluídos, excremento existencial, excrescência exígua e explosiva. Em duas palavras: vadio profissional. Muito prazer...

Félix Ventura estendeu-lhe a ponta dos dedos. Perplexo, enojado. Edmundo Barata dos Reis prendeu-lhe a mão entre as dele, firmemente, longamente, olhando-o de lado (como um pássaro) e todavia atento, trocista, saboreando o desconforto do outro. José Buchmann, vestido com um belo casaco de bombazina cor de mel, os braços cruzados sobre o peito, parecia igualmente divertido. Os olhos pequenos e redondos luziam na penumbra da sala como contas de vidro:

– Achei que gostasse de o conhecer. A vida deste homem parece inventada por si...

– Desculpe?

– Sou-Todo-Ouvidos. Era assim que me chamavam. Meu nome de guerra. Eu gostava. Gostava de ouvir. E então, zás!, caiu-nos em cima o muro de Berlim. Pópilas, paizinho! Num dia agente, no outro ex-gente.

Félix Ventura estremeceu:

– Você foi aluno do professor Gaspar?

Edmundo Barata dos Reis sorriu surpreso:

– Oh! sim, sim. O camarada também?

Os dois homens abraçaram-se numa alegria sincera. Trocaram memórias. Barata dos Reis, mais velho um bom par de anos do que Félix Ventura, frequentara as aulas do professor Gaspar numa época em que no Liceu Salvador Correia os estudantes negros se contavam pelos dedos de uma mão. Terminado o liceu empregou-se nos serviços de meteorologia. Preso em sessenta e poucos, acusado de tentar estabelecer em Luanda uma rede bombista, passou sete anos no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. “Um galinheiro”, resumiu: “mas a praia era boa.” Poucas semanas após a independência já o conheciam, amigos e inimigos, e sempre foram mais estes do que aqueles, como o senhor Sou-Todo-Ouvidos. Dois anos em Havana, nove meses em Berlim (Leste), outros seis em Moscou, e assim, temperado o aço, retornou à trincheira firme do socialismo em África.

– Um comunista! Acredita? Sou o último comunista a sul do equador...

Aquela teimosia é que o perdeu. Transformou-se em poucos meses num estorvo ideológico. Um tipo incômodo. Não tinha vergonha de gritar – “sou comunista!”, numa altura em que os seus chefes já só murmuravam, baixinho, “fui comunista”, e continuou a bradar, “sou comunista, sim, sou muito marxista-leninista!”, mesmo depois que a versão oficial passou a negar o passado socialista do país.

– Vi coisas, meu pai!

José Buchmann sentara-se, de perna traçada, no grande cadeirão de verga que o bisavô de Félix Ventura trouxe do Brasil. Afundou a mão direita no bolso interior do casaco, tirou uma cigareira de prata, abriu-a, separou lentamente o tabaco e enrolou um cigarro. Um sorriso malicioso iluminou-lhe o rosto:

– Conta-lhe o que me contaste a mim, Edmundo, a história do Presidente...

Edmundo Barata dos Reis olhou-o num silêncio grave, indignado, repuxando com violência os fios da barba. Pensei por instantes que se fosse levantar. Receei vê-lo sair. José Buchmann encolheu os ombros:

– Podes falar, caramba!, não há maca. Aqui o Félix é um tipo fixe. É da família. Aliás, vocês foram ambos alunos desse famoso professor Gaspar, não foram?, isso já quer dizer alguma coisa. Disse-me o Félix que é como pertencer à mesma tribo...

– Substituíram o Presidente por um duplo. – Edmundo Barata dos Reis disse isto de um jacto e depois calou-se. Os olhos dele voltejaram pela sala numa aflição. Parecia um pardal à procura de uma janela aberta, uma luz, um pedacinho de céu por onde escapar. Baixou a voz: – Substituíram o velho. Puseram um sósia no lugar dele, um espantalho, sei lá como dizer, a porra de uma réplica.

– Foda-se! – Félix explodiu numa gargalhada.

Eu nunca o ouvira dizer obscenidades. Também nunca o ouvira rir assim, com tamanha violência. José Buchmann assustou-se. Depois imitou-o. Riram os dois. Rimo-nos os três. Uma gargalhada puxando a outra. Por fim Félix sossegou.

– Temos então um presidente de fantasia –, disse, enxugando as lágrimas com um lenço. – Isso eu já suspeitava. Temos um governo de fantasia. Um sistema judicial de fantasia. Temos, em resumo, um país de fantasia. Mas conte-me – quem substituiu o presidente?

Edmundo Barata dos Reis encolhera-se na cadeira. Já não lembrava um deus, muito menos um deus guerreiro, parecia-se mais com um cachorro humilhado. Fedia. Um cheiro a urina, a folhas e a frutos em decomposição. Ergueu-se, e, em vez de responder ao albino, voltou-se contra José Buchmann, o dedo estendido:

– Essa gargalhada... Estou a olhar para essa gargalhada, paizinho, e estou a ver outra pessoa, há muito, muito tempo. No outro tempo. No tempo antigo. Não nos conhecemos já?

– Não creio. – O fotógrafo ficou tenso. – Eu sou da Chibia. Você é da Chibia?

– O que é isso, paizinho?! Eu sou luandense puro...

– Então não pode ser.

– Sim –, confirmou Félix Ventura: – o Buchmann veio lá das províncias, do sul profundo. É matuense...

– Matuense? O nosso mato parece um jardim. Já os vossos jardins, aqui em Luanda, os poucos que existem, parecem é mato.

– Calma. Abaixo o tribalismo. Abaixo o regionalismo. Viva o poder popular – não era assim que se dizia antes? O que eu queria é que aqui o camarada Edmundo respondesse à minha pergunta. Afinal, quem substituiu o presidente por um duplo?

Edmundo Barata dos Reis suspirou profundamente:

– Os russos, eu acho. Talvez os israelitas. A máfia do armamento, a Mossad, eu sei lá, as duas desgraças juntas.

– Pode ser. Faz sentido. E como é que você descobriu o golpe?

– Eu conheço o duplo. Contratei-o! Contratei outros também. O velho nunca aparecia em público. Eram os duplos dele quem apareciam. Aquele, o Três, foi sempre o melhor. O único que podia falar sem levantar suspeitas, os outros ficavam em silêncio, só os utilizávamos em cerimônias de corpo presente. O Três era um caso especial, um talento raro, um verdadeiro actor, assisti à formação dele. Levou-nos cinco meses. Aprendeu rápido. Como se mover, como se dirigir às pessoas, o tom de voz, o protocolo, a biografia do velho, isso tudo. Ficou perfeito. Ou quase – o muadiê tinha um problema, quero dizer, tem um problema, é canhoto. Até nisso se parece com a imagem do presidente no espelho. Por isso eu o reconheci. Você não percebeu que o presidente agora deu em canhoto? Não, não percebeu. Ninguém percebeu.

– Quando é que descobriu isso?

– Faz um ano, ano e pouco.

– Você ainda trabalhava para a segurança?

– Eu?! Cota, estou a viver de vadio já tem mais de sete anos. Vê esta camisa? Virou pele. É uma camisa do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Vesti-a no dia em que me despediram e nunca mais a despi. Jurei que não a despia enquanto a Rússia não voltasse a ser comunista. Agora, mesmo que queira já não a consigo tirar. Virou pele, está a ver? Tenho a foice e o martelo tatuados no peito. Isto já não sai.

Não saía mesmo. Félix Ventura olhava para ele atordoado. José Buchmann sorria como se dissesse, “e então – não é um caso?” Edmundo Barata dos Reis reassumiu a postura de velho deus guerreiro. Sacudiu as fortes tranças grisalhas, com violência, espalhando à sua volta um terrível fedor.

– Sopa?, perguntou. – Não tem sopa?



– É louco! –, assegurou Félix depois que Edmundo Barata dos Reis saiu. Repetiu isto uma e outra vez, firmemente. Não estava disposto a perder mais tempo com o assunto. Todavia, José Buchmann insistiu:

– Conheço coisas mais estranhas.

– Oiça, o homem é completamente doido. Cacimbou. Você esteve muito tempo fora, a viajar, não faz ideia daquilo por que passamos neste maldito país. Luanda está cheia de pessoas que parecem muito lúcidas e de repente desatam a falar línguas impossíveis, ou a chorar sem motivo aparente, ou a rir, ou a praguejar. Algumas fazem tudo isso ao mesmo tempo. Umas julgam que estão mortas. Outras estão mesmo mortas e ainda ninguém teve coragem de as informar. Umas acreditam que podem voar. Outras acreditam tanto nisso que realmente voam. É uma feira de loucos, esta cidade, há por aí, por essas ruas em escombros, por esses musseques em volta, patologias que ainda nem sequer estão catalogadas. Não leve a sério tudo o que lhe dizem. Aliás, aceita um conselho?, não leve ninguém a sério.

– Talvez ele não seja realmente louco. Talvez esteja a fazer-se de louco.

– Não vejo a diferença. Um sujeito que escolheu viver na rua, dentro de uma sarjeta, que acredita na reconversão da Rússia ao comunismo, e que além do mais quer ser confundido com um louco – para mim é louco.

– Talvez seja. Talvez não. – José Buchmann parecia desiludido: – Gostaria de o conhecer melhor.

(o amor, um crime)

– Passamos aqui anos difíceis.

Félix suspirou. Fazia um calor abafado. A umidade colava-se às paredes. Ele, porém, estava sentado no grande cadeirão de verga, muito direito, vestido com um fato azul escuro, de bom corte, que lhe realçava o fulgor da pele. Transpirava a dignidade. À sua frente, aninhada num coxim de seda, com uma camiseta florida e um calção curto, vermelho, Ângela Lúcia escutava-o sorrindo.

– Houve uma altura em que fazia tudo sozinho porque não podia pagar a uma empregada. Limpava a casa, lavava a roupa, cozinhava, tratava das plantas. Também não havia água, e eu era forçado a ir buscá-la, com uma lata à cabeça, como uma quitandeira, a um buraco que alguém fizera no asfalto – lá, na curva para o cemitério, ao fundo da rua. Aguentei-me esses anos todos porque tinha o Ventura. Gritava – *Ventura vai lavar a loiça*, e o Ventura ia. Gritava – *Ventura vai buscar mais água*, e o Ventura ia.

– O Ventura?!

– Eu próprio, o Ventura. Era o meu duplo. Em alguma altura da vida todos nós recorremos a um duplo.

Ângela Lúcia achara graça à tese de Edmundo Barata dos Reis. Entusiasmava-a a ideia dos duplos. Viram juntos várias cassetes em que aparece o Presidente. Félix Ventura, creio que já o disse, tem uma colecção de muitas centenas de cassetes de vídeo. Comprovaram, surpresos, que nas gravações mais antigas o velho assina os documentos com a mão direita. Nas recentes usa sempre a esquerda. Ângela Lúcia reparou também que nalgumas imagens ele tem uma pequena verruga sob o olho esquerdo. Noutras não.

Pode tê-la tirado –, objectou Félix. – As pessoas hoje tiram os sinais do corpo com a mesma facilidade de quem lava uma mancha de tinta.

Ângela observou que o presidente com a verruga aparecia em gravações anteriores, mas também em gravações posteriores ao

presidente sem verruga.

– Só pode ser um dos duplos!

Ficaram a tarde toda entretidos naquele jogo. Ao fim de cinco horas, era já noite fechada, tinham identificado pelo menos três duplos – o da verruga, um outro com uma ligeira calva, e um terceiro que, jurava Ângela, tinha nos olhos um plácido brilho de mar.

– Em matéria de brilhos não discuto contigo –, disse Félix. Foi então que se lembrou do episódio do Ventura, o duplo: – Acredita. Passamos aqui anos difíceis.

A mulher quis saber como fizera ele, naquela época, para sobreviver. Félix encolheu os ombros. Vivia mal, murmurou, ao princípio alugava romances, o Eça, O Camilo, o Jorge Amado, porque pouca gente tinha dinheiro para os comprar. Mais tarde passou a enviar pacotes com livros para Lisboa e o pai vendia-os a alfarrabistas ou a clientes escolhidos. Fausto Bendito Ventura conseguira comprar excelentes bibliotecas ao desbarato, a colonos desesperados, nos meses tumultuosos que antecederam a independência. Trocara um anel de prata por uma coleção encadernada de jornais angolanos do século XIX. Uma biblioteca médica, em bom estado, composta por mais de cem volumes, custara-lhe uma gravata de seda, e por meia dúzia de dólares ficara com quinze caixotes cheios de livros de História. Anos mais tarde alguns dos antigos colonos voltaram a comprar-lhe os livros, despachados em pacotes de dez, pelo seu preço real.

– Veio a ser um bom negócio.

O calor ascendia do chão. Entrava num sopro úmido pelas frinças das portas, em lentas vagas, carregando o cheiro salgado do mar e o seu rumor, o assombro dos peixes, a luz débil do luar. Ângela Lúcia tinha a pele brilhante. A camisa colada aos seios. Félix não tirara o casaco. Devia estar a cozer dentro dele. Eu só queria uma fenda fresca onde mergulhar. Fui até à cozinha; lá em cima, da vidraça mais alta, via-se, para além do muro do quintal, a algazarra luminosa dos musseques, depois um largo abismo negro e as estrelas. O abismo negro era o mar. Fiquei um bom tempo a olhar para ele. Imaginei-me a afundar no silêncio, às cegas, como

antigamente, o coração em sobressalto, as mãos abrindo a água, um frio agradável nos pés, que ascendia pelas pernas até alcançar a cintura. Isso refrescou-me. Quando regresssei à sala vi que Félix tirara o casaco e se sentara nos almofadões, diante da televisão, abraçado a Ângela. O ventilador do tecto atirava o ar morno, em pazadas indolentes, de encontro às paredes. Uma poeira de séculos, ácaros, almas velhas de escritores, soltavam-se dos grossos livros e dançavam no ar, como uma neblina, como um vago sonho, iluminadas pelos relâmpagos da televisão. Imagens sem som, a preto e branco, do Presidente presidindo a uma reunião. O Presidente erguendo o punho. O Presidente, em fato de treino, jogando futebol. O Presidente cumprimentando outros presidentes. Depois, a cores, imagens do Presidente inaugurando um parque. “Parque dos Ex-Heróis de Chaves”, lia-se na placa. Ângela riu-se. Félix riu-se. O Presidente cortou a fita. Félix voltou-se para a mulher e beijou-a nos lábios. Vi-a, não sem espanto, fechar os olhos e aceitar o beijo. Ouvi-a gemer. O albino tentou despir-lhe a camisa. Ela impediu-o.

– Não. Isso não. Não faças isso.

Ergueu as pernas, num gesto elegante, e despiu os calções. A camisa, colada ao corpo, deixava adivinhar os seios redondos, espantados, e o ventre liso. Depois rodou o corpo, colocando-se de joelhos sobre Félix. Os ombros, largos, belos ombros de nadadora, faziam com que a cintura parecesse mais estreita. O meu amigo suspirou:

– És tão bonita...

Ângela segurou-lhe a nuca com ambas as mãos e beijou-o. Um beijo longo.

A mim, deixou-me sem fôlego.



A Mãe era pouco mais velha do que eu e, evidentemente, à medida que fomos envelhecendo, um ao lado do outro, sempre um ao lado do outro, essa diferença tornou-se menor. Julgo, além disso, que ela envelhecia mais devagar do que eu. A partir de certa altura

passou a acontecer, se saíamos juntos, alguém dizer dela, dirigindo-se a mim – “a sua esposa”. Talvez, se tivesse vivido mais tempo, acabassem por a tomar por minha filha. Creio que lhe agradavam esses pequenos equívocos. Insistia em tratar-me por menino. Até ao dia em que, quase centenária, decidiu morrer, controlou os fios da minha existência.

– O menino não pode voltar tarde para casa.

E eu, com oitenta e tantos anos, vivia no terror de entrar em casa depois da meia-noite. Quando saía a passear, com alguma amiga, sentia-me na obrigação de telefonar para casa, de meia em meia hora, para que A Mãe se não atormentasse. Ela esperava-me, desperta, vigilante, com o gato ao colo.

– O menino não pode beber álcool.

E eu sentava-me à mesa dos bares e bebia um copo de leite enquanto os meus amigos, troçando amavelmente de mim, se embebedavam com uísque ou cerveja. A Mãe esforçou-se ainda por me afastar de todas as mulheres que suspeitava poderem, um dia, afastar-me dela. Às francamente feias, mas sobretudo às muito obtusas, a essas A Mãe lançava-as nos meus braços, certo de que eu as repudiaria. Então repreendia-me:

– O menino faz-se muito buscado. Assim vai ficar solteiro.

Não vos conto isto com o intuito de me justificar. Seria injusto atribuir a minha misoginia ao zelo d’ A Mãe ou à severidade do meu pobre pai. Fui quem fui porque me faltou coragem para ser diferente. Vejo Félix Ventura percorrer com os dedos o corpo trêmulo do seu amor, vejo-o soprar palavras meigas aos ouvidos dela, vejo-o transportá-la ao colo para o quarto (a mulher protesta, esbraceja, grita em gargalhadas felizes) e pousá-la na cama. Vejo-o, enfim, adormecer exausto, e começo a compreender como cheguei aqui.



Félix dorme, o braço direito sobre o peito da mulher, a mão pousada no seu seio. Ângela tem os olhos abertos. Sorri. Solta-se com cuidado e levanta-se. Veste apenas a camiseta florida. As pernas são compridas, lisas, incrivelmente delgadas no calcanhar.

Cruza o quarto sem ruído. Afasta a penumbra com a ponta dos dedos, abre a porta da casa de banho, acende a luz e entra. Despe a camiseta. Lava o rosto, os ombros, os sovacos. Reparo que tem nas costas uma série de cicatrizes redondas, escuras, que se destacam, como ofensas, do veludo dourado da pele. Parece-me ver através do espelho marcas idênticas nos seios e no ventre. Regresso ao quarto. Félix murmura algo. Creio perceber a palavra savana. Gostaria de conversar com ele. Talvez se eu adormecesse agora o encontrasse, com o seu fato branco, de linho cru, o seu belo chapéu-panamá, debaixo de um embondeiro alto, em algum ponto dessa savana que ele atravessa em sonhos.

Dlin, dlin!

A campainha da porta. Dlin, dlin! Um tilintar urgente. Pancadas. Dlin, dlin! Félix salta da cama, alvo e nu como um espectro, estende a mão para o candeeiro da mesa de cabeceira e acende a luz. Ângela Lúcia surge ao seu lado, assustada, com uma toalha enrolada ao tronco:

– Quem foi?

– Como?! Não sei, amor. Está alguém a bater à porta. Que horas são?

– É noite. Quatro e vinte. Ângela diz isto sem consultar o relógio. A seguir atira um olhar ao pulso e confirma. – Isso. Quatro e vinte. Nunca me engano. Quem pode ser?

– Não faço ideia!

Dlin, dlin! Dlin, dlin!! Pancadas. Uma voz que chama. Félix abre o armário e retira um roupão branco. Veste-o. Ângela levanta-se:

– Espera. A voz rouca, num murmúrio: – Não vás!

– Vou sim. Fica tu aqui.

Sigo-o pelo tecto, a correr. Félix espreita pela janela da sala. A escuridão cobre a varanda. Dlin, dlin!!! Decide-se e abre a porta. Edmundo Barata dos Reis salta-lhe para os braços, empurra-o, fecha a porta.

– Porra, camarada! Os gajos estão atrás de mim. Estão aí mesmo. Vão matar-me.

– Quem o quer matar, pópilas?! Explique-se.

– Os gajos!

Está de cuecas. Descalço. A camiseta do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas parece ter recuperado, talvez com o susto, um pouco da cor original. Ou então é mesmo sangue. Edmundo sacode a cabeleira grisalha. Os olhos saltam-lhe das órbitas. Corre de um lado para o outro da sala. Cerra as persianas. Félix vigia-lhe os gestos com impaciência.

– Acalme-se. Sente-se e acalme-se. Eu vou fazer-lhe um chá.

Dirige-se à cozinha. Edmundo segue-o. Fecha as persianas. Fecha as portadas da janela. Só então sossega um pouco. Senta-se num banco, as mãos apoiadas na mesa, enquanto Félix coloca a água ao lume.

– Sopa, não tem sopa? Eu preferia uma sopa...

Ângela Lúcia surge à porta. Veste uma camisa de homem, azul, muito larga, que lhe chega quase aos joelhos. Deve tê-la tirado do armário. Calça umas chinelas de Félix, também elas demasiado grandes. Parece muito frágil assim vestida, quase uma criança. Edmundo atrapalha-se:

– Perdão, menina. Não queria incomodar...

– O que se passa?

Félix encolhe os ombros:

– Vão matá-lo, aqui ao Edmundo. Deixa-me que te apresente. Este é o senhor Edmundo Barata dos Reis, ex-agente da segurança do estado. Ou ex-gente, segundo o próprio. Falei-te nele.

– Quem o vai matar?!

– Vão matá-lo e o tipo quer sopa. Sai uma sopa...

Dlin, dlin! Dlin, dlin! Dlin, dlin!

Edmundo Barata dos Reis esconde o rosto entre os joelhos. Félix estremece.

– Calma. Vou ver quem é. Não saiam daqui que eu resolvo tudo. Ângela, não o deixes sair.

Volta à sala. Suspira e abre a porta. Conheci, na minha vida anterior, pessoas assim. Assustam-se com o rumor do vento na folhagem. Têm horror a baratas, já para não falar a polícias, advogados, inclusive a dentistas. Porém, quando o dragão surge na clareira, e abre a boca e cospe o fogo, enfrentam-no de pé. Serenas, frias como anjos.

– O que quer?

José Buchmann irrompe na sala. Traz uma pistola na mão direita. Treme. Treme-lhe ainda mais a voz:

– Onde está o cabrão?

– Em primeiro lugar dê-me essa arma. Em minha casa não entram homens armados...

Diz isto firmemente, sem erguer a voz, na certeza de que será obedecido. O outro, porém, ignora-o. Atravessa o corredor em passadas rápidas e vai directo à cozinha. Félix segue-o, protestando. Eu corro. Não quero perder o drama. Ângela Lúcia está parada à porta, de braços abertos. É ela a porta:

– Daqui não passa! – Explode: – Poças! Afinal de que inferno saiu você?

Oiço a voz de Edmundo Barata dos Reis, a chiar, aflita, e só depois o vejo. Está encostado à parede, em pé, os braços caídos. A camiseta brilha, vermelha, sobre o peito magro. O gume da foice, o oiro do martelo, cintilam, um instante. Depois escurecem.

– Isso, menina, caiu do inferno! Do passado! Lá de onde saem os excomungados...

José Buchmann está preso entre Ângela, à sua frente, e Félix, que, por trás, lhe segura os braços. Tem o rosto colado ao da mulher. Grita possesso. Parece-me, de repente, um colosso. As veias do pescoço incham e pulsam, saltam na frente:

– Exactamente, caí do passado! E quem sou eu? Diz-lhes quem sou eu!...

Solta-se, de súbito, num ímpeto feroz, derrubando Ângela. Salta sobre Edmundo, agarra-o pelo pescoço com a mão esquerda e força-o a ajoelhar-se aos seus pés. Enterra-lhe no pescoço o cano da pistola:

– Diz-lhes quem sou eu!

– Um fantasma. Um diabo...

– Quem sou eu?

– Um contrarrevolucionário. Um espião. Um agente do imperialismo...

– O meu nome?

– Gouveia. Pedro Gouveia. Devia ter-te morto em setenta e sete.

José Buchmann atira-lhe pontapés. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Traz calçadas umas botas negras, pesadas, que produzem um ruído escuro ao baterem contra o corpo. Edmundo não grita. Nem sequer procura furtar-se aos golpes. Os pontapés atingem-no no estômago, no peito, na boca. As botas ficam vermelhas.

– Merda! Merda!

José Buchmann, ou Pedro Gouveia, como quiserem, pousa a pistola na mesa. Agarra um pano e limpa as botas. Continua a gritar, *merda! Merda!*, como se o sangue do outro lhe queimasse os pés. Depois senta-se num banco, esconde o rosto entre as mãos, e cai num choro largo, convulso, que lhe sacode o corpo todo. Edmundo Barata dos Reis arrasta-se para um canto da cozinha. Senta-se, com as costas apoiadas à parede, as pernas esticadas. Sorri:

– Não me esqueci de ti. Também não me esqueci dela, Marta, a jovem Marta Martinho, armada em intelectual, poetisa, pintora e sabe-se lá mais o quê. Estava grávida, no fim da gravidez, uma barriga enorme. Redonda. Redondíssima. Parece-me que estou a vê-la.

Félix, junto à porta que dá para o corredor, abraçado a Ângela, olha a cena mudo de espanto. Pedro Gouveia chora. Não sei se escuta o que diz Edmundo Barata dos Reis. O ex-agente da segurança de estado, esse, parece estar a divertir-se. A voz dele vibra, firme, gelada, no silêncio da noite:

– Aconteceu há muito tempo, não é verdade? No tempo das lutas.
– Aponta para Ângela. – Acho que a menina ainda nem era nascida. A Revolução estava em perigo. Um bando de miúdos, uma cambada de pequeno-burgueses irresponsáveis, tentou tomar o poder pela força. Tivemos de ser duros. *Não perderemos tempo com julgamentos*, disse o Velho no seu discurso à Nação, e não perdemos. Fizemos o que havia a fazer. Quando uma laranja apodrece tiramo-la do cesto e deitamo-la no caixote de lixo. Se não a deitarmos fora todas as outras apodrecem. Deita-se fora uma laranja, deitam-se fora duas ou três, e salvam-se as restantes. Foi o que fizemos. O nosso trabalho era separar as laranjas boas das laranjas podres. Este tipo, o Gouveia, julgou que lá por ter nascido em Lisboa conseguia escapar. Telefonou ao cônsul de Portugal,

senhor cônsul, sou português, estou escondido em tal parte, venha salvar-me por favor, e já agora à minha mulher, que é preta mas espera um filho meu. Ah! Ah! Sabe o que fez o senhor cônsul português? Foi buscá-los aos dois e a seguir entregou-os nas minhas mãos. Ah! Ah! Agradei-lhe muito, ao cônsul, disse-lhe, o camarada é um genuíno revolu-cionário, dei-lhe um abraço forte, embora enojado, é claro, não pensem que não tenho escrúpulos, preferia ter-lhe cuspidado na cara, mas dei-lhe um abraço, sim, despedi-me dele e depois fui interrogar a rapariga. Ela aguentou dois dias. Às tantas pariu, ali mesmo, uma menininha, assim, deste tamanho, sangue, sangue, quando penso nisso o que vejo é sangue. O Mabeco, um mulato lá do Sul, defuntou-se faz tempo, um fim estúpido, duas facadas a frio num bar de Lisboa, nunca se chegou a saber quem foi, o Mabeco cortou o cordão com um canivete e depois acendeu um cigarro e começou a torturar a bebê, queimando-a nas costas e no peito. Sangue, pópilas!, sangue pra caralho, a rapariga, a tal da Marta, com dois olhos que pareciam luas, custa-me sonhá-la, e a bebê aos gritos, o cheiro a carne queimada. Ainda hoje, quando me deito e adormeço, sinto aquele cheiro, ouço o choro da criança...

– Cale-se!

Félix, num grito áspero, numa voz que não lhe conhecia. Repete:

– Cale-se! Cale-se!

Daqui de onde estou, no topo do armário, vejo-lhe o crânio iluminado por uma aura de fúria. Separa-se de Ângela e avança para Edmundo, os punhos cerrados, aos gritos:

– Desapareça! Fora daqui!

O ex-agente levanta-se a custo. Ergue-se todo. Atira um olhar de desprezo para José Buchmann, ao mesmo tempo que solta uma gargalhada áspera:

– Agora não me resta a sombra da dúvida. És tu mesmo, o Gouveia, o fraccionista. No outro dia quase te reconheci pelas gargalhadas. Rias muito nos comícios dos fraccionistas, isso antes do cônsul, o teu patrício, te ter entregue nas minhas mãos. Na prisão só choravas. Choravas muito, bué, bué, tipo mulher. Olho esse choro e vejo o miúdo Gouveia. Vingança – era o que querias? Para isso faz

falta paixão. Faz falta coragem! Matar um homem é coisa de homem.

Então,

como

num

bailado

lento:

Ângela atravessa a cozinha,
passa rente à mesa,
com a mão direita recolhe a pistola,
com a mão esquerda afasta Félix,
aponta ao peito de Edmundo
e dispara.

(o grito da buganvília)

No quintal, no lugar onde Félix Ventura enterrou o corpo estreito de Edmundo Barata dos Reis, floresce agora a rubra glória de uma buganvília. Cresceu depressa. Cobre já uma boa parte do muro. Debruça-se para o passeio, lá fora, numa exaltação – ou numa denúncia – à qual ninguém presta atenção. Há dias atrevi-me, pela primeira vez, a sair para o quintal. Escalei o muro com o coração aos saltos. O sol refulgia nos cacos de vidro. Deslizei entre eles, cautelosamente, e espreitei o mundo. Vi uma rua muito larga, em barro vermelho, e casas velhas, fatigadas, desarrumando a outra margem. Pessoas passavam alheias aos gritos da buganvília. Aterrorizou-me o largo céu sem nuvens, o silêncio pesado de luz, um bando de pássaros voando em círculos. Regressei, correndo, à segurança da casa. Talvez volte a sair se entretanto o tempo turvar um pouco. O sol atordoia-me, magoa-me a pele, mas gostaria de observar mais demoradamente esse povo que passa.

Félix anda triste. Quase não fala comigo. Hoje, todavia, quebrou o silêncio. Entrou em casa, tirou os óculos escuros, guardou-os no bolso interior do casaco, depois despiu o casaco e pendurou-o nas costas de uma cadeira. A seguir abriu a pasta e mostrou-me um envelope pequeno, quadrado, em papel amarelo.

– Chegou outra fotografia, vêς meu amigo?, ela ainda não se esqueceu de nós.

Abriu o envelope, cuidadosamente, procurando não o rasgar. Era uma polaroide. Um arco-íris iluminando um rio. No canto superior direito vê-se a silhueta de um rapaz nu a mergulhar nas águas. Ângela Lúcia escreveu a tinta azul, na margem da fotografia: *Plácidas Águas, Pará*, e a data. Félix foi buscar uma caixinha de alfinetes, desses pequenos, com cabeças redondas e coloridas. Escolheu um, de um verde intenso, absurdo, e prendeu a fotografia na parede. Depois afastou-se três passos para estudar o efeito. A parede da sala de estar, oposta às janelas, está quase toda coberta

por fotografias. O conjunto forma uma espécie de vitral que a mim me recorda as experiências de David Hockney com polaroides. Predominam os tons de azul.

Félix Ventura voltou para a parede o grande cadeirão de verga e sentou-se nele. Ficou assim muito tempo, imóvel, mudo, vendo morrer a fina luz da tarde de encontro à luz imortal das polaroides. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Limpou-as ao lenço. Disse-me:

– Eu sei. Gostarias que lhe perdoasse. Lamento muito, meu amigo, mas não posso. Acho que não sou capaz.

(o mascarado)

O homem que acaba de entrar lembra-me alguém. Não consigo, todavia, acertar com quem. Alto, elegante, bem vestido. O cabelo grisalho, cortado rente, dá-lhe um ar de nobreza que o rosto largo, um tanto rude, logo desmente. Vejo-o atravessar como um tigre a luz dormente da tarde. Ignora a mão que Félix lhe estende, e depois, parecendo ligeiramente enfasiado, senta-se de pernas traçadas no sofá de couro. Suspira fundo. Bataca com os dedos nos braços do sofá.

– Vou-lhe contar uma história inverossímil. Vou contá-la porque sei que você não acreditará em mim. Quero trocar esta história inverossímil, a história da minha vida, por outra simples e sólida. A história de um homem comum. Eu dou-lhe uma verdade impossível, você dá-me uma mentira vulgar e convincente – aceita?

Começou bem. Félix Ventura senta-se, interessado.

– Vê este rosto? – O homem indica com ambas as mãos o próprio rosto. – Pois não é meu.

Faz uma longa pausa. Hesita. Por fim começa:

– Roubaram-me o rosto. Aliás, como explicar-lhe?, roubaram-me de mim. Um dia acordei e descobri que me tinham feito uma operação plástica. Deixaram-me numa clínica com uma pasta cheia de dólares e um postal. *Gratos pelos serviços prestados. Considere-se dispensado.* Isto era o que dizia o postal. Podiam ter-me morto. Não sei porque não me mataram. Talvez pensem que estou mais morto assim. Ou então, ao princípio julguei que fosse isso, querem ver-me sofrer. Nos primeiros dias, realmente, sofri. Pensei em denunciar a situação. Procurei amigos. Alguns não acreditaram em mim. Outros acreditaram, apesar desta máscara que trago agora, porque, enfim, sei certas coisas, mas fingiram não acreditar. Insistir pareceu-me perigoso. Depois, numa tarde como esta, sozinho na esplanada de um bar, na ponta da Ilha, comecei a desfrutar de uma sensação maravilhosa. Não sabia que nome lhe dar. Agora sei –

liberdade! Esta situação transformou-me num homem livre. Tenho meios. Tenho acesso a contas, lá fora, que me permitem viver tranquilo até ao último dos meus dias. Em contrapartida não me pesam as responsabilidades, as críticas, os remorsos, as invejas, os ódios, os rancores, as intrigas da corte, menos ainda o terror de que um dia alguém me traia.

Félix Ventura abana a cabeça, transtornado:

– Conheci um sujeito, um maluco, um desses infelizes que andam por aí, pela cidade, a atrapalhar o trânsito, que defendia uma estranha tese. Ele achava que o Presidente foi substituído por um duplo. A sua história lembra-me essa...

O homem olha-o com curiosidade. A voz dele torna-se mais suave. Quase sonhadora:

– Todas as histórias estão ligadas. No fim tudo se liga. Suspira: – Mas só alguns loucos, muito poucos e muito loucos, são capazes de compreender isso. Enfim, o que pretendo é que me consiga o contrário daquilo para que habitualmente o contratam. Quero que me dê um passado humilde. Um nome sem brilho. Uma genealogia obscura e irrefutável. Deve haver tipos ricos, sem família e sem glória, não? Gostaria de ser um deles...

(sonho n.º 6)

À nossa frente erguia-se uma gaiola muito alta, larga e funda, de onde, a espaços, em rajadas vagas, irrompia um alegre piar de aves. Periquitos, bicos-de-lacre, viuvinhas, peitos-celestes, anduvas, rolas, abelharucos. Estávamos sentados em cadeiras de plástico, muito gastas, sob a sombra perfumada de uma mangueira frondosa. À nossa esquerda corria um muro baixo, em adobe, pintado de branco. Mamoeiros altíssimos, carregados de mamões, requebravam-se, junto ao muro, num langor de mulatas. Olhando para a direita, na direcção da casa, alinhavam-se filas de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras. Ainda mais adiante um enorme embondeiro dominava a horta. Parecia ter sido posto ali para me lembrar que aquilo era apenas um sonho. Pura ficção. Galinhas ciscavam em meio ao barro vermelho e ao capim muito verde, arrastando atrás ninhadas de pintos. José Buchmann abriu para mim um límpido sorriso de vitória.

– Seja bem-vindo ao meu humilde sobado.

Bateu as palmas e logo uma moça esguia, tímida, de vestidinho curto e sandálias de plástico nos pés ligeiros, emergiu da penumbra. Buchmann pediu-lhe que trouxesse uma cerveja gelada, para ele, para mim um sumo de pitanga. A rapariga baixou a cabeça, sem uma palavra, e desapareceu. Voltou pouco depois equilibrando num tabuleiro colorido uma garrafa de cerveja, dois copos e um jarro com o sumo. Provei o sumo, desconfiado. Era bom, acre e doce ao mesmo tempo, muito fresco, com um perfume capaz de iluminar a alma mais sombria.

– Estamos na Chibia, mas isso já você sabe, não é verdade? Por muito que agradeça ao nosso comum amigo, ao nosso querido Félix, por me ter inventado este chão, nunca lhe agradecerei o suficiente.

– Desculpe-me a curiosidade. Existe realmente uma campa, num cemitério aqui da região, com o nome de Mateus Buchmann?

– Existe. Havia algumas campas destruídas, e entre elas, por que não?, a do meu pai. Mandeí fazer a lápide. Você viu-a. Viu a

fotografia, não viu?

– Compreendo. E as aguarelas de Eva Miller?

– Encontrei-as realmente num antiquário, na Cidade do Cabo, uma loja fabulosa, que vende de tudo um pouco, de joias a álbuns de fotografias, passando por velhas máquinas fotográficas. Eva Miller é um nome comum. Deve haver no mundo algumas dezenas de pintoras de aguarelas com esse nome. A breve notícia da morte dela, n' *O Século* de Joanesburgo, essa sim, inventei-a eu, com a ajuda de um velho tipógrafo português, meu amigo. Eu precisava que o próprio Félix acreditasse na minha biografia. Se ele acreditasse nela toda a gente acreditaria. Hoje, sinceramente, até eu acredito. Olho para trás, para o meu passado, e vejo duas vidas. Numa fui Pedro Gouveia, noutra José Buchmann. Pedro Gouveia morreu. José Buchmann regressou à Chibia.

– Você sabia que Ângela era a sua filha?

– Sabia. Saí da cadeia em mil novecentos e oitenta. Estava destruído, completamente destruído – fisicamente, moralmente, psicologicamente. Edmundo foi comigo ao aeroporto, colocou-me num avião e enviou-me para Portugal. Ninguém esperava por mim. Já não me restava família lá, pelo menos conhecida, não me restava nada, a mínima ligação. A minha mãe morreu em Luanda, coitada, enquanto eu estava preso. O meu pai vivia no Rio de Janeiro, há anos, com uma outra mulher. Nunca tive muito contacto com ele. Eu nasci em Lisboa, sim, mas fui para Angola canuco, ainda nem sequer sabia falar. Portugal era o meu país, diziam-me, diziam-me isso na cadeia, os outros presos, os bófiás, mas eu não me sentia português. Fiquei em Lisboa, dois ou três anos, a trabalhar num semanário como revisor. Foi nessa altura, em contacto com os fotógrafos do jornal, que me comecei a interessar pela fotografia. Tirei um curso rápido e parti para Paris. Dali fui para Berlim. Comecei a trabalhar como repórter fotográfico e durante anos, décadas, percorri o mundo, de guerra em guerra, tentando esquecer-me de mim. Ganhei muito dinheiro, muito dinheiro mesmo, mas não sabia o que fazer com ele. Nada me atraía. A minha vida era uma fuga. Uma tarde achei-me em Lisboa, um ponto no mapa entre dois pontos, um lugar de passagem. Num restaurante dos

Restauradores, onde entrei atraído pelo cheiro aos miúdos de frango que a minha mãe fazia, reencontrei um velho camarada. Foi ele quem, pela primeira vez, me falou em Ângela. O filho da puta, o Edmundo, divertia-se a contar-me, sempre que me interrogava, como matou a minha mulher. Também me disse que tinham assassinado a bebê. Afinal, não a mataram. Torturaram-na à frente da mãe, você ouviu-o!, mas não a mataram. Entregaram-na à Marina, a irmã da Marta, e foi ela quem a criou. Criou-a como a uma filha. Quando soube disso fiquei muito transtornado. Tinham passado os anos e eu envelhecera. Queria conhecer a minha filha, queria estar com ela, mas faltava-me a coragem para lhe contar a verdade. Fiquei obcecado. Veio-me um ódio, um rancor selvagem contra aquela gente, contra o Edmundo. Queria matá-lo. Achei que se o matasse poderia olhar de frente a minha filha. Matando-o talvez eu renascesse. Regressei a Luanda sem saber muito bem o que fazer. Temia ser reconhecido. No hotel, numa mesa do bar, encontrei um cartão de visitas do nosso amigo Félix Ventura. “Dê aos seus filhos um passado melhor.” Muito bom papel. Muito bem impresso. Foi então que tive a ideia de o contratar. Com outra identidade seria mais fácil circular pela cidade sem atrair suspeitas. Podia matar Edmundo e desaparecer. Mas queria que ele soubesse porque ia morrer, queria confrontá-lo com os seus crimes, no fundo, reconheço, queria vingar-me. Foi difícil encontrá-lo e quando o encontrei descobri que enlouquecera. Pelo menos parecia louco. Fui com ele a casa de Félix porque precisava de ouvir a opinião de alguém. Félix achou que sim, que Edmundo estava louco, e nessa altura pensei em desistir. Não podia matar um louco. Uma tarde esperei que o tipo deixasse a sarjeta onde se costumava esconder e entrei. Ali, naquele buraco imundo, havia um colchão, roupa suja, revistas, literatura marxista, e, acredita?, uma série de arquivos com relatórios da segurança de estado sobre dezenas de pessoas. O meu processo era um dos primeiros. Estava eu ali, com uma lanterna numa das mãos, e o arquivo na outra, exaltado, confuso, quando o Edmundo apareceu de repente, tipo alma penada. Saltou da sarjeta lá para dentro e caiu a dois passos de mim. Segurava uma faca na mão. Ria-se. Meu Deus, o riso dele! disse-me: *os dois de novo cara*

a cara, camarada Pedro Gouveia, desta vez acabo contigo – e atacou-me. Afastei-o com um pontapé, tirei a pistola do cinto, eu tinha comprado aquela pistola dias antes no Roque Santeiro, veja lá, e disparei. A bala atingiu-o no peito, atingiu-o de raspão, eu larguei a lanterna, larguei tudo, aflito, e o tipo escalou o buraco. Agarrei-o pelas pernas, com força, ele sacudiu-se, esgueirou-se, soltou-se, deixando-me as calças na mão. Fui atrás dele. O resto já você sabe. Estava lá. Foi testemunha de tudo o que se passou depois.”

– E Ângela, sabia que você era o pai dela?”

– Ela jura que sim. Contou-me que Marina lhe escondeu a tragédia durante muitos anos. Até que um dia, era inevitável, alguém, uma colega, creio eu, uma amiga da faculdade, insinuou qualquer coisa. Ângela reagiu muito mal. Zangou-se com Marina e com o marido dela, os seus pais, afinal, os seus pais verdadeiros, excelentes pessoas os dois. Zangou-se com eles e saiu de Angola. Foi para Londres. Foi para Nova Iorque. Soube que eu era fotógrafo e isso levou-a a interessar-se pela fotografia. Tornou-se fotógrafa, como eu, e, como eu, tornou-se nômade. Há alguns meses você estranhou a coincidência de sermos ambos fotógrafos e de termos regressado ao país mais ou menos na mesma altura. Você não acreditava que fosse uma coincidência. Bem, como vê, não foi inteiramente uma coincidência. Ângela jura que mal me viu, uma noite, lembra-se?, uma noite em vossa casa, jura que mal me viu, mal pousou os olhos em mim, adivinhou quem eu era. Não sei. Quando penso nesse encontro o que me ocorre é o susto. Para mim foi um estranho encontro. Eu, sim, sabia quem ela era. Nenhum de nós disse nada. Ficamos calados. Passaram os meses e então, naquela tarde, eu disparei contra Edmundo e ele correu a procurar refúgio junto da única pessoa que o podia acolher – Félix Ventura, ex-aluno do Professor Gaspar, um homem da tribo...

José Buchmann calou-se. Bebeu o que restava da cerveja, num trago longo, e ficou depois, absorto, os olhos mergulhados na densa folhagem da mangueira. Estava-se bem naquele quintalão. A sombra caía sobre nós como um jorro de água fresca. Um áspero ardor de cigarras somou-se por instantes ao canto dos pássaros. Veio-me um sono, uma vontade de fechar os olhos e dormir, mas resisti, certo de

que se adormecesse naquele momento acordaria instantes depois transformado numa osga.

– Tem notícias da Ângela?

– Vou tendo. Deve estar neste momento a descer o Amazonas numa daquelas barcaças lentas, preguiçosas, que à noite se cobrem de redes de dormir. Há muito céu por ali. Muita luz na água. Espero que se sinta feliz.

– E você, é feliz?

– Eu estou finalmente em paz. Não receio nada. Não anseio por nada. Acho que a isto se pode chamar felicidade. Sabe o que dizia Huxley? A felicidade nunca é grandiosa.

– O que vai ser de si?

– Não faço ideia. Provavelmente serei avô.

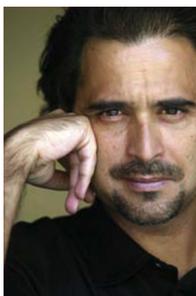
(Félix Ventura começa a escrever um diário)

Encontrei esta manhã Eulálio morto. Pobre Eulálio. Estava caído aos pés da minha cama, com um enorme escorpião, um bicho horrível, também morto, preso entre os dentes. Morreu em combate, como um bravo, ele que não se achava corajoso. Enterrei-o no quintal, amortalhado num lenço de seda, um dos meus melhores lenços, junto ao tronco do abacateiro. Escolhi a face do abacateiro voltada para poente, úmida, coberta de musgo, porque ali faz sempre sombra. Eulálio, como eu, não apreciava o sol. Vai fazer-me falta. Decidi começar a escrever este diário, hoje mesmo, para persistir na ilusão de que alguém me escuta. Nunca mais terei um ouvinte como ele. Acho que era o meu melhor amigo. Deixarei, suponho, de o encontrar em sonhos. A memória que me resta dele, aliás, parece-se cada vez mais, a cada hora que passa, com uma construção de areia. A memória de um sonho. Talvez eu o tenha sonhado inteiramente – a ele, a José Buchmann, a Edmundo Barata dos Reis. Não me atrevo a escavar o quintal, junto à buganvília, porque me aterroriza a possibilidade de não encontrar nada. A Ângela Lúcia, se a sonhei, sonhei-a muito bem. Os postais que me continua a enviar, um a cada três ou quatro dias, são quase reais. Comprei na Altair, através da Internet, um imenso mapa do mundo. A loja da Altair em Barcelona é a minha livraria preferida. Sempre que vou a Barcelona guardo dois ou três dias para me perder na Altair, a consultar livros e mapas, álbuns de fotografias, a planear as viagens que farei um dia; a planear principalmente aquelas viagens que nunca farei. Pendurei o mapa na parede da sala, preso a uma placa de corticite, ao lado das polaroides de Ângela Lúcia. Todos os postais trazem uma nota mencionando o local onde a imagem foi recolhida e assim posso facilmente acompanhar o percurso dela (espetei em cada localidade um alfinete de cabeça verde). Vejo que Ângela desceu o Amazonas até Belém do Pará. Calculo que tenha depois alugado um carro, ou, parece-me o mais provável, apanhado

um ônibus, em direcção ao Sul. Enviou-me de São Luís do Maranhão a silhueta em chamas de um pequeno barco com uma vela quadrada: *Rio Anil, nove de fevereiro*. Quatro dias depois chegou-me a imagem de uma mão de criança lançando um avião de papel. Um rio desliza ao fundo, gordo e pardo sob o lento sol: *Ilhas Canárias, Delta do Parnaíba, treze de fevereiro*. Não me é difícil imaginar o caminho que tomará nos próximos dias. Comprei ontem um bilhete para o Rio de Janeiro. Voarei depois de amanhã do aeroporto Santos Dumont para Fortaleza. Creio que não me vai ser difícil dar com ela. Se José Buchmann conseguiu encontrar um patrício, um acorrentado, dentro de uma cabina telefônica, em Berlim, tendo por única referência um semáforo, mais rapidamente eu encontrarei uma mulher que gosta de fotografar nuvens. Não sei o que farei quando a encontrar. Espero que tu, meu bom Eulálio, onde quer que estejas, me ajudes a tomar a decisão correcta. Sou animista. Sempre fui, mas só há pouco isso me ocorreu. Passa-se com a alma algo semelhante ao que acontece à água: flui. Hoje está um rio. Amanhã estará mar. A água toma a forma do recipiente. Dentro de uma garrafa parece uma garrafa. Porém, não é uma garrafa. Eulálio será sempre Eulálio, quer encarne (em carne), quer em peixe. Vem-me à memória a imagem a preto e branco de Martin Luther King discursando à multidão: *eu tive um sonho*. Ele deveria ter dito antes: *eu fiz um sonho*. Há alguma diferença, pensando bem, entre ter um sonho ou fazer um sonho.

Eu fiz um sonho.

Lisboa, 13 de fevereiro de 2004



José Eduardo Agualusa nasceu no Huambo, Angola, em 1960. Estudou Silvicultura e Agronomia em Lisboa, Portugal. Vive entre Lisboa, Luanda e Rio de Janeiro. Os seus livros estão traduzidos em mais de vinte idiomas. O romance *O Vendedor de Passados* venceu *The Independent Foreign Fiction Prize* em 2007.